

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



**Os recursos tecnológicos como potencializadores de aprendizagem e as necessidades
educativas dos atletas de alto rendimento em idade escolar obrigatória**

Ana Filipa Roque Heitor Carmo

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Área de Especialidade Educação e Tecnologias Digitais

Dissertação orientada pela Prof.^a Doutora Ana Isabel Ricardo Gonçalves Pedro

2018

Agradecimentos

Foram algumas as pessoas importantes no meu percurso até chegar aqui e que merecem uma breve menção.

Primeiramente à minha orientadora, à professora Doutora Ana Pedro por aceitar este desafio comigo, pelo apoio, sugestões e incentivo.

Aos meus amigos que me têm aturado e motivado durante estes meses, pelos conselhos sábios, pelas celebrações de vida e a cima de tudo pela amizade.

Aos meus amigos que estão longe, e a todos os *swifties*, que ainda que distantes são uma parte importante na minha vida e que me mostram diariamente a importância das tecnologias digitais.

Ao Henrique que é o meu *cheerleader* número um na vida, em tudo o que faço e que tem sempre uma palavra motivadora e genuína, e que foi muito importante a nível emocional ao longo deste percurso.

À Luana Gomes que inspirou esta dissertação, pelas longas noites a estudar e a fazer trabalhos da escola, pela esperança num futuro que ambas sabemos que é incerto. Pela inspiração, por me mostrar que temos que lutar pelo que acreditamos mesmo que no fim tenhamos que deixar as coisas que mais amamos quando percebemos que chegamos ao fim do percurso, ainda que gostaríamos que as coisas fossem de outra forma.

A todos os atletas que participaram nesta investigação, ainda que não tenham sido muitos, foram essenciais. Estes são os nossos campeões e eu tenho pena que muitos não tenham o acompanhamento e o reconhecimento que merecem.

À minha família pelo amor incondicional, à Clara e à Diana que são os membros mais novos e por quem luto para que a sua educação seja melhor do que a minha foi, para que tenham melhores condições e oportunidades independentemente do que escolham ser ou fazer.

À minha mãe pelo “*tough love*” por querer para mim sempre melhor do que ela teve.

E ao Rudy, que ainda sem falar transmite um amor do tamanho do mundo e que ainda que quase sempre a dormir, foi a minha maior companhia ao longo destes meses.

“The lesson I’ve learned the most often in life is that you’re always going to know
more in the future than you know now.”

Taylor Swift

“I have no special talent. I am only passionately curious”

Albert Einstein

Resumo

O presente trabalho procurou entender as exigências a que os atletas de alta competição são submetidos quer a nível de processo de treino quer a nível académico, e perceber assim quais as dificuldades sentidas por estes jovens.

O estudo em causa teve objetivos centrais (i) identificar como se desenvolve a formação dos atletas de alto rendimento, (ii) perceber de que modo as tecnologias estão presentes nessa formação.

A ferramenta de recolha de dados foi o questionário, e com este instrumento foi possível questionar atletas que estão ainda a frequentar o ensino escolar obrigatório que participam ativamente em provas nacionais e internacionais, com estatuto de alto rendimento, representando a seleção nacional, ou que sejam considerados jovens promessa e com potencial para integrar a seleção no futuro.

Foi possível entender e descrever como os jovens atletas formam o seu projeto individual de carreira, o seu dia-a-dia, a sua rotina e percurso escolar e quais as estratégias utilizam para compatibilizar a formação escolar com a prática desportiva bem como que ajuda têm estes jovens nesta difícil conciliação entre a escola e o desporto de competição.

Com um carácter tecnológico, neste trabalho foram ainda explorados os projetos-piloto existentes em Portugal que podem servir de apoio a estes jovens bem como a possibilidade da modalidade de educação a distância, como funciona e se pode ser uma ajuda para estes e outros jovens que em situações semelhantes se encontram.

Palavras-Chave:

Ensino a distância; atletas de alta competição; tecnologias educativas; ensino personalizado.

Abstract

This research came about in order to understand the development of the careers of the young elite athletes in Portugal in our national team and with high-performance status as well as the younger future elite athletes competing in different sports and that have not finished the mandatory twelve years of school.

The main goals of this investigation were to: (i) identify how the training of high-performance athletes develops, (ii) to understand how the technologies are present in this training.

The data collection tool was Google forms (questionnaire), and with this instrument it was possible to question athletes who are still attending compulsory school education who participate actively in national and international competitions, with a high-performance status, representing the national team, or who are considered young promise and with the potential to integrate the national team in the future.

It was possible to understand and describe how the young athletes form their individual career project, their daily routine, their school routine and what strategies they use to reconcile school education with sports practice as well as what help do these youngsters have in this difficult conciliation between the school and the sport of competition.

With a technological character, this work also explored the existing pilot projects in Portugal that can serve as support to these students as well as the possibility of the distance education modality, how it works and can be an aid for these and other young people who are in similar situations.

KeyWords:

Distance learning; educational technologies; personalized teaching.

Siglas utilizadas

TIC: Tecnologias de informação e comunicação

EAD: Educação a distância

DGE: Direção-Geral de educação

ED: Ensino a distância

ANQEP: Agência nacional para a qualificação e o ensino profissional

JOJ: Jogos Olímpicos da Juventude

UAARE: Unidade de apoio ao alto rendimento

GAAR: Gabinete de apoio ao alto rendimento~

IPDJ: Instituto português do desporto e juventude

EUA: Estados Unidos da América

Índice

Agradecimentos	X
Resumo:	IX
Abstract	X
Siglas utilizadas	XII
Índice de figuras.....	XVII
Índice de tabelas.....	XX
Índice de anexos.....	XXII
Introdução	1
Capítulo I – Revisão de Literatura	3
1. O desporto	3
1.1 Definição de conceito	3
1.2 O desporto na nossa sociedade	5
2. Alto rendimento desportivo	7
2.1 Definição de conceito	7
2.2 Enquadramento normativo	9
2.3 Processo de preparação dos atletas	13
2.4 Medidas de apoio	14
3. Sucesso e insucesso escolar nos desportistas.....	15
4. Tecnologias educativas e educação a distância	17
4.1 O ensino a distância no ensino básico e secundário em Portugal	21
5. A articulação entre o desporto de alto rendimento e o sucesso escolar e as tecnologias educativas	24
Capítulo II – Metodologia.....	27

1. Objetivos de investigação	27
2. Abordagem de investigação	29
3. Estudo descritivo.....	31
4. Processo de amostragem	32
5. Instrumento de recolha de dados.....	33
6. Publico alvo e participantes na investigação	36
Capítulo III – Análise dos dados.....	36
1. Formação desportiva.....	36
2. Formação académica.....	36
3. Papel das tecnologias na sua formação pessoal e escolar	36
Capítulo IV – Discussão	36
1. Os atletas de alto rendimento portugueses.....	36
2. O Projeto-Piloto UAARE e o ensino a distância	38
3. Como funciona a escola online nos Estados Unidos da América.....	42
Conclusão.....	45
1. Limitações da Investigação.....	47
Referências bibliográficas.....	49
Legislação consultada	57
Sítios consultados.....	60
Anexos	62

Índice de figuras

<i>Figura 1: Idade dos participantes.....</i>	<i>36</i>
<i>Figura 2 – “Onde reside”</i>	<i>36</i>
<i>Figura 3 – “Com que idade começou a treinar num clube vinculado à federação?”</i>	<i>36</i>
<i>Figura 4 – “Em média por dia quantas horas treina?”</i>	<i>36</i>
<i>Figura 5 – “Em média quantas vezes viaja nacionalmente por mês para competir?”</i>	<i>36</i>
<i>Figura 6 – “Em média quantas vezes viaja internacionalmente por mês para competir?” ...</i>	<i>36</i>
<i>Figura 7 – “Quando, por motivos desportivos falta às aulas, a escola ou os professores:” ..</i>	<i>36</i>
<i>Figura 8 – “Em média: Indique o seu horário de deitar.”</i>	<i>36</i>
<i>Figura 9 – “Quantas faltas teve nos últimos dois meses?”</i>	<i>36</i>
<i>Figura 10 – “De zero a dez como classifica a sua escola em relação à organização?”</i>	<i>36</i>
<i>Figura 11 – “De zero a dez como classifica a sua escola em relação à ajuda aos alunos em diferentes situações?”</i>	<i>36</i>
<i>Figura 12 – “Já repetiu algum ano?”</i>	<i>36</i>
<i>Figura 13 – “Como estão as suas notas em geral?”</i>	<i>36</i>
<i>Figura 14 – “Com que frequência utiliza a Internet para fazer os trabalhos de casa por semana?”</i>	<i>36</i>
<i>Figura 15 – “Com que frequência utiliza a Internet para estudar ou fazer um trabalho da escola por semana?”</i>	<i>36</i>
<i>Figura 16 – “Com que frequência utiliza um computador para efeitos escolares por semana?”</i>	<i>36</i>
<i>Figura 17 – “Com que frequência usa o youtube por semana?”</i>	<i>36</i>
<i>Figura 18 – “Com que frequência utiliza a internet para pesquisas por lazer?”</i>	<i>36</i>

<i>Figura 19 – “Com que frequência vê televisão por semana?”</i>	36
<i>Figura 20 – “Qual destes dispositivos móveis possui?”</i>	36
<i>Figura 21 – “Tem pacote de dados e ligação permanente à internet?”</i>	36
<i>Figura 22 – “Que redes sociais ou ferramentas auxiliam na realização de trabalhos de grupo?”</i>	36
<i>Figura 23 – “Considera que é possível aprender uma língua através de um dispositivo móvel?”</i>	36
<i>Figura 24 – “Indique que funções usa para aprender através de um dispositivo móvel”</i>	36
<i>Figura 25 – “Os seus professores mostraram disponibilidade para esclarecer dúvidas através de email ou de videoconferência?”</i>	36

Índice de tabelas

<i>Tabela 1- Classificação da metodologia científica</i>	<i>30</i>
--	-----------

Índice de anexos

1. Formulário do questionário.....62
2. Respostas não utilizadas integralmente na análise dos dados..... 70

Introdução

Não há sensação melhor para um atleta, que subir ao lugar mais alto do pódio e ouvir o hino da nossa nação nas competições internacionais, mas o que é que preciso para isto acontecer? O que vale mais a pena: correr atrás do sonho de ser atleta e arriscar ou estudar com o objetivo de ingressar numa faculdade? A resposta não é de todo simples e, escolher entre as duas opções também não. O “amor à camisola” é o que move muitos dos atletas portugueses já que muitos pouco mais ganham do que medalhas.

A evolução das tecnologias digitais de informação e comunicação têm transformado a sociedade, esta evolução está presente em praticamente todos os setores, profissões e atividades do dia-a-dia, tornando-se uma ferramenta essencial na concretização de qualquer tarefa. Seja esta no âmbito académico ou profissional, é quase impossível concretizar um trabalho ou projeto onde não seja necessária a interação com um sistema informático, eletrónico ou mecânico.

Com esta crescente dependência informática, e a reduzida quantidade de indivíduos com formação na área tecnológica, estima-se, de acordo com os dados divulgados pela Comissão Europeia em setembro de 2015, que em 2020, só na Europa, estejam por preencher 825 mil postos de trabalho relacionados com as novas tecnologias. Isto apenas se deve à reduzida aposta na formação nesta área tornando então, este setor uma aposta chave para assegurar o futuro desta nova geração.

É fácil comprovar que as crianças não estão satisfeitas com as metodologias usadas em sala de aula, uma vez que as mesmas que não sofrem grandes alterações há bastantes anos. Um bom exemplo é se um cirurgião viesse do passado, teria com certeza dificuldade em operar com os novos equipamentos que derivaram de toda a evolução tecnológica e científica, já um professor encontraria tudo no mesmo lugar. O quadro continua no mesmo sítio, o professor debita a matéria, escreve no quadro o aluno copia, realizam-se fichas de avaliação e a avaliação final também pouco mudou. No entanto se os recursos existem, e estão prontos a ser utilizados, porque é que os professores mostram tanta resistência a adotá-los? Este tema devia estar no topo das prioridades do nosso governo que poderia fazer um maior investimento e acompanhar o seu desenvolvimento a longo prazo.

Neste sentido, primeiramente iremos fazer uma exploração do tema, apresentando os núcleos de pesquisa envolvidos e a problemática a ser tratada neste trabalho, evidenciando a sua importância e iluminando sobre um tema que a meu ver não recebe muita atenção.

A segunda parte do texto descreve de forma fundamentada a metodologia empregue, a escolha dos participantes e dos instrumentos de recolha de dados, na tentativa de compreender a relação dos atletas com a escola, e de que forma se servem das tecnologias existentes a seu dispor.

Na terceira parte procurarei de forma qualitativa apresentar os resultados obtidos para produzir um entendimento sobre as dificuldades reais vividas pelos atletas e os seus horários, o seu aproveitamento escolar, e de que forma a escola tem um papel no seu sucesso ou insucesso escolar e ainda de que forma as tecnologias estão presentes neste processo.

Na quarta parte irei apresentar alguns casos onde as tecnologias educativas são utilizadas como resposta a estes desafios, e vou tentar compreender que constrangimentos existem na integração de metodologias tecnológicas que agilizem as aprendizagens dos alunos dentro e fora da sala de aula.

Finalmente os resultados anteriores serão retomados, discutidos e apontadas questões que podem vir a ser aprofundadas noutros estudos uma vez que não tiveram espaço de discussão durante esta dissertação.

Capítulo I – Revisão de Literatura

O desporto

1.1 Definição de conceito

O conceito de desporto tem inevitavelmente sofrido algumas alterações ao longo dos tempos, alterações essas decorrentes das mudanças na sociedade em geral e na sua estrutura. Mais do que nunca, o desporto é hoje considerado um fenómeno social sendo que está inserido nas diversas sociedades mundiais. Tal é sustentado por Carvalho ao afirmar que (2000, p.7) “o desporto transformou-se no fenómeno cultural”.

Em 1992, o Conselho da Europa definiu o desporto como sendo qualquer forma de atividade física que visa a melhoria das capacidades físicas e mentais, que fomentam as relações sociais, ou visam obter resultados na competição a todos os níveis.

Esta missiva não diferenciava o desporto profissional do desporto amador e por isto, qualquer forma de atividade física era considerada desporto.

O desporto assume-se, assim, como uma forma de ocupar o tempo livre, proporcionando a quem o pratica uma fuga à pressão da vida quotidiana, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida (Calvo, 2001). A autora refere ainda que o desporto é um direito que assiste a todo e qualquer cidadão e qualquer Estado tem a obrigação de proporcionar as melhores condições para a sua prática, criando infraestruturas de livre acesso a todos.

Para Garcia (2000), o tempo livre transforma-se num valor do nosso tempo e o direito de o disfrutar da melhor forma possível deverá estar ao alcance de todos os cidadãos.

Neto (1994), refere que o desporto é uma atividade que nos seus pressupostos deve contemplar a promoção dos valores humanos, os princípios de solidariedade e a cooperação social e cultural entre os seus intervenientes (cit. Silva, 2014).

O desporto assume-se ainda, segundo Lima (1998), como uma forma de compreensão social, para além dos benefícios relacionados com a saúde, na medida em que permite ao individuo a valorização do seu ego, através da afirmação da sua personalidade e da sua corporalidade.

Sousa (2012, p.3) considerou o desporto como “um fenómeno social marcante na sociedade, assumindo diferentes contornos dependendo do contexto social, político, económico e cultural em que se encontra inserido (...)”.

Do mesmo modo, Sérgio (2013) refere que o desporto não é apenas educação física, mas sim motricidade humana, ou seja, movimento intencional da pessoa visando, em equipa a superação. Ainda neste sentido, o autor refere que praticar desporto é uma forma de procurar excelência, através da motricidade humana.

É por esta razão que as competições e os treinos têm tanto significado. Os treinos servem para atingir objetivos durante as competições, objetivos esses de superação, em equipa, jogando com e não contra.

1.2 O desporto na nossa sociedade

Carneiro (1997, cit. por Castro 2012, p.5) afirma que “o desporto transformou-se num fenómeno cultural à escala planetária. Porventura o fenómeno cultural de maior magia no mundo contemporâneo”.

Para Marivoet (1998, cit. por Carvalho, 2001), as classes sociais altas procuram as modalidades de mais difícil acesso (e.g. golfe, hipismo, vela, mergulho, etc.) ou mesmo um *personal trainer*, de forma a ganhar um certo estatuto social. Já as restantes classes sociais procuram as modalidades que sejam de mais fácil acesso económico (Marques, 1999).

O desporto é também, para Calvo (2001), utilizado na sociedade como forma de resolver alguns problemas sociais, sendo este utilizado como forma de reabilitação e de integração. Para a autora o desporto tornou-se um “fenómeno cuja dimensão adquirida é por vezes impercetível aos nossos olhos” e que a prática generalizada, os diferentes contextos e as intencionalidades elegem-no como uma manifestação social e cultural profundamente humana (p.24)”.

Meyer (2007) menciona a importância do desporto na sociedade, uma vez que o mesmo tem a capacidade de integrar todo e qualquer ser humano, independentemente da sua classe social, raça ou religião. Diz nos ainda que o desporto desenvolve a capacidade de trabalhar em grupo, o saber respeitar os outros, a consciência dos seus limites do seu próprio corpo, o saber respeitar e aceitar as diferenças e evitar ainda o sedentarismo, que hoje é tão comum.

A consagração do desporto como um direito de todo o cidadão que exige ao Estado a criação de condições para a sua efetuação, permitiu uma democratização do acesso à prática desportiva, investindo-se em redes de infraestruturas à escala nacional (Calvo, 2001).

O desporto constitui uma instituição descoberta pela sociedade atual para declarar os ideais do lúdico, do rendimento e da sua superação, estando estes presentes em todos os modelos de prática desportiva (Garcia, 2005).

Bento (1993) e Esteves (1999), mencionam que no que se refere ao rendimento, este é um ideal intrinsecamente vinculado à sociedade contemporânea.

Em 2014, Brito e Pinheiro fazem referência à atividade física e desportiva como sendo um dos pilares da educação integral nas sociedades modernas. Dai a importância da disciplina de educação física nos currículos em todos os anos escolares. Os autores referem que ao semear e potenciar na infância o gosto pela atividade desportiva, poderá permitir chegar à idade adulta com estilo de vida ativa.

Ainda que o desporto esteja bastante presente na vida das pessoas e a ocupar cada vez mais do seu tempo, com maior incidência nas crianças e jovens, segundo Costa, Serôdio-Fernandes e Maia (2009, p.47) não se tem verificado a “aquisição de hábitos desportivos dos homens e mulheres portuguesas”, sendo que apesar de se praticar bastante desporto enquanto crianças e jovens os portugueses acabam mais tarde por abandonar as modalidades.

Alto rendimento desportivo

1.3 Definição de conceito

Define-se por alta competição a prática desportiva ao mais alto nível cujos resultados se aferem por padrões internacionais carecendo de especial orientação e organização (Carvalho, 2002).

Pataco (1997) diz que a alta competição, devido ao inusitado impacto que tem no plano social, é um fator importante no desenvolvimento desportivo.

A alta competição pressupõe, segundo Lima (1997), que o desporto esteja inserido na matriz cultural constituída pelos valores que uma sociedade concreta foi elaborando, integrando, transmitindo e consagrando nas interações sociais ao longo da sua própria história e nos quais reconhece parâmetros que a individualizam no relacionamento com as demais comunidades. Segundo este autor, o conceito pressupõe ainda que as atividades físicas e desportivas sejam aceites como factos sociais que devem ser incluídos nos projetos de desenvolvimento social, numa perspetiva de valorização individual que respeita os direitos do ser humano, no quadro definido pelas comunidades internacionais.

Será atleta de alta competição aquele que, na sua modalidade, seja um efetivo e regular competidor e um dos mais distintos entre os que a essa modalidade se dedicam (Lima, 1990).

Carvalho (2002) defende que não bastará ser campeão nacional, integrar a seleção nacional, ou ser um profissional do desporto prestigiado local ou nacionalmente, caso estes factos não se reflitam nos resultados internacionais. Deste modo, assinala-se o carater rigoroso e de grande exigência que possibilita apenas aos melhores praticantes das várias modalidades serem abrangidos por este estatuto.

A prática desportiva de alto rendimento corresponde, segundo Carvalho (2002), à evidência de talentos e de vocações de mérito desportivo excecional cujos resultados se aferem por padrões internacionais, carece de especial orientação e organização.

O desporto de alto rendimento também pode representar um importante meio educativo e formativo dos cidadãos, com insubstituíveis contributos no âmbito da melhoria da qualidade

de vida, no preenchimento do tempo livre ou como fato de desenvolvimento sociocultural e turístico (Alves, 2002).

A prática desportiva de alta competição, na vertente profissional ou amadora, pelo significado sociocultural e pela espetacularidade da sua valência competitiva, confere uma expressão ímpar ao fenómeno desportivo. Refletir sobre a prática desportiva de alta competição implica, pois, refletir sobre o campo de expressão humana e as suas manifestações culturais (Lima, 1997, cit. por Carvalho, 2002).

Em Portugal, os bons resultados alcançados por diversos atletas, a partir de 1976, a par com as pressões exercidas por técnicos qualificados, levaram à sensibilização da classe política e dos legisladores para a realidade da alta competição e para as necessidades específicas dos atletas, sendo que até então vigoravam a improvisação e a anarquia no sector da atividade desportiva (Carvalho, 1976, cit. por Carvalho, 2002).

1.4 Enquadramento normativo

Juridicamente, a alta competição é entendida como a prática que, inserida no âmbito do desporto de rendimento, corresponde à evidência de talentos e vocações de mérito desportivo excecional, aferindo-se os resultados por padrões internacionais e sendo a carreira orientada para o êxito na ordem desportiva internacional.

O conceito “alta competição” é mencionado pela primeira vez com a publicação da Portaria n.º 730/80 de 26 de setembro com o regulamento do apoio ao desporto de alta competição e do Estatuto do atleta em alta competição em representação nacional (Pataco, 1997).

Mais tarde surge a Lei de Bases do Sistema Desportivo, Lei n.º 1/90 de 13 de janeiro, onde é claramente reconhecida a vertente alta competição no desporto, designadamente, pelo artigo 15.º e também pelo artigo 41.º.

O primeiro decreto de desenvolvimento aparece a 7 de agosto através do Decreto-lei n.º 125/96 de 10 de agosto que introduz algumas alterações do Decreto-Lei n.º 125/95 e determina as principais linhas político-jurídicas do sistema desportivo português relativas a três setores sendo estes a atividade desportiva, as organizações desportivas e a administração pública desportiva. A alta competição é referenciada no artigo 15.º do capítulo II, no que concerne à “atividade desportiva”, indicando os vários apoios para a alta competição, destacando o apoio financeiro como um dos estímulos ao desenvolvimento da alta competição (Santos, 2012). Este artigo ressalta ainda a possibilidade de os praticantes no percurso beneficiarem do ingresso no ensino superior em regime especial (Pataco, 1997).

Dias (2013) refere que apesar da Lei de Bases do Sistema Desportivo foram difundidas outras normas que regulam outras questões intimamente ligadas à alta competição, tais como medidas de apoio, prémios e bolsas académicas.

Santos (2012) descreve os principais diplomas publicados:

- Portaria n.º 737/91, de 1 de agosto – Atribuição de bolsas académicas aos praticantes de alta competição, para que seja mais fácil compatibilizar os estudos com a atividade desportiva.

- Portaria n.º 738/91, de 1 de agosto - Estabelece formas específicas de apoio aos que desempenham funções no âmbito do subsistema de alta competição.

- Portaria n.º 739/91, de 1 de agosto – É definido o regime de requisição de técnicos e dirigentes que se dedicam especificamente ao subsistema de alta competição.

- Portaria n.º 740/91, de 1 de agosto – Criado e fixado o montante dos prémios a atribuir aos praticantes desportivos e respetivas equipas técnicas em face dos resultados obtidos.

- Decreto-Lei n.º 146/93, de 26 de abril – O seguro desportivo para os praticantes de alta competição não profissionais, é regulado.

- Portaria n.º 947/95, de 1 de agosto – São definidos os critérios técnicos para a qualificação como praticante desportivo de alta competição e praticante integrado no percurso de alta competição.

- Portaria n.º 953/95, de 4 de agosto – São definidos os critérios para a concessão de prémios em reconhecimento do valor e mérito dos êxitos desportivos obtidos no regime de alta competição. Revoga a Portaria n.º 740/91, de 1 de agosto.

- Portaria n.º 317-B/96, de 29 de julho – É adotado o regulamento dos regimes especiais de acesso ao Ensino Superior, contemplando no artigo 2.º alínea f) os atletas com estatuto de alta competição.

- Decreto-Lei n.º 64/97, de 26 de março – Criação do Complexo de Apoio às Atividades Desportivas (CAAD) que compreende para além de outras, a estrutura desportiva do Centro de Alto Rendimento (CAR).

- Portaria n.º 393/97, de 17 de junho – Concessão de prémios aos cidadãos com deficiência que se classifiquem num dos três primeiros lugares, em provas dos Jogos Paraolímpicos, campeonatos do Mundo, campeonatos da Europa e da Taça do Mundo de Boccia.

- Portaria n.º 205/98, de 28 de março – São criadas normas relativas à concessão de bolsas académicas aos atletas de alta competição.

- Portaria n.º 211/98, de 3 de abril – É definido e fixado o valor dos prémios a atribuir aos praticantes desportivos das disciplinas das modalidades integradas no programa olímpico que se classificarem num dos três primeiros lugares dos Jogos Olímpicos e dos campeonatos do Mundo e da Europa, no escalão absoluto. Revoga a Portaria n.º 953/95, de 4 de agosto, uma vez que, a referida portaria não abrangia os resultados de excelência obtidos pelos cidadãos deficientes na prática desportiva em competições internacionais.

- Portaria n.º 392/98, de 11 de julho – O seguro desportivo especial dos praticantes em regime de alta competição, é regulamento.

- Decreto-Lei n.º 393-A/99, de 2 de outubro – São aprovados e regulamentados os regimes especiais de acesso e ingresso no ensino superior, permitindo aos atletas com estatuto e integrados no percurso de alta competição beneficiarem deste regime, mesmo que tenham deixado de satisfazer as condições (estatutos) há menos de dois anos contados a partir da data de apresentação do requerimento de matrícula e inscrição (art.º 18º).

- Portaria n.º 854-B/99, de 4 de outubro – É aprovado e instituído o regulamento dos regimes especiais de acesso ao ensino superior (referido no artigo 25º do Decreto-Lei n.º 393-A/99, de 2 de outubro).

Em 2007, é publicada a Lei de Bases da Atividade Física e do Desporto (Lei n.º 5/2007, de 16 de janeiro), onde na secção IV faz menção ao alto rendimento. Esta secção é formada por dois artigos, mais concretamente o artigo 44º que refere as medidas de apoio, e o artigo 45º que faz referência à participação em seleções nacionais ou em outras representações de âmbito nacional, como sendo de interesse público, e, por conseguinte, objeto de apoio e de garantia especial por parte do Estado (Santos, 2012).

Em 2009 surge o Decreto-Lei n.º 10/2009, que estabelece um novo sistema de seguro para os atletas de alto rendimento e que cobre os especiais riscos a que os atletas estão sujeitos (Santos, 2012).

O artigo 2º do Decreto-Lei n.º 272/2009 define alto rendimento como “a prática desportiva em que os praticantes obtêm classificações e resultados desportivos de elevado mérito, aferidos em função dos padrões desportivos internacionais”. Este decreto passa a

diferenciar diferentes níveis de estatuto: nível A, nível B, nível C, sendo que os atletas com melhores resultados estão inseridos no nível A e têm maior apoio.

1.5 Processo de preparação dos atletas

Ao ingressar no mundo do desporto, o indivíduo compromete-se progressiva e intensamente a assumir o papel de atleta. O bom desempenho e sucesso desportivo aliado a este facto, conduz a uma maior identificação com a função (Brito, 2001). Este percurso desportivo enquanto carreira é, segundo Brito (2001), referente à integração existente entre o sistema desportivo e o sistema do trabalho, assumindo cada vez mais um carácter profissional, com notória a necessidade do sistema desportivo se basear no sistema do trabalho.

Um atleta passa por várias transições ao longo de uma carreira desportiva, desde a iniciação à passagem pelos diferentes escalões de acordo com as competências desenvolvidas ou com a idade, passando pelo treino intenso até chegar à alta competição amadora ou profissional e por fim o término da carreira desportiva. O sucesso ao longo das transições na carreira desportiva exige a busca pela autonomia pessoal durante a carreira e a consciência de formas de investimento, reinvestimento e desinvestimento, dentro e/ou fora da área desportiva. Alguns atletas, porém, negligenciam ou desconhecem a importância desta preparação, bem como a necessidade de planeamento e ajustamento da sua carreira (Brandão et al., 2000).

1.6 Medidas de apoio

O Decreto-Lei n.125/95 prevê que os atletas de alto rendimento beneficiem de algum apoio relativamente a alguns domínios como o regime escolar (artigos 9.º a 18º), a dispensa temporária de funções (artigos 19.º a 21.º), obrigações militares (artigos 22.º e 23.º), acesso a formação superior, especializada e profissional (artigos 27.º a 29.º), apoio material (artigos 30.º a 33.º), seguro desportivo e apoio médico (34.º e 35.º). Os atletas que representam a seleção regularmente, mas mesmo assim não têm estatuto de alto rendimento, apenas beneficiam de algumas medidas referentes ao regime escolar como a justificação de faltas, (artigo 10.º a 13.º), à dispensa temporária de funções, às obrigações militares e apoio médico.

Neste sentido, qualquer atleta estudante de alta competição será obrigado a uma gestão de atividades diárias complexa, visto ter de conciliar a sua atividade estudantil com a prática desportiva, na medida em que o tempo despendido em dois treinos diários e nas deslocações constitui, por si só, o horário normal de qualquer aluno que não seja praticante desportivo (Carvalho, 2009).

De acordo com a Federação Portuguesa de Canoagem, o conceito de Alto Rendimento está relacionado com um elevado cariz de seleção, rigor e exigência e por isso apenas alguns dos melhores praticantes portugueses se encontram abrangidos por este nível de prática desportiva. A consagração legal de um sistema integrado de apoios para o desenvolvimento do desporto de Alto Rendimento no nosso país, foi alterado com a publicação do Decreto-Lei n.º 272/2009, de 1 de outubro, que estabelece as medidas específicas de apoio ao desenvolvimento do desporto de Alto Rendimento. Os praticantes desportivos são inscritos no registo dos agentes desportivos de Alto Rendimento organizado pelo Instituto Português do Desporto e Juventude, I. P., mediante homologação de proposta apresentada pela respetiva federação desportiva com estatuto de utilidade pública desportiva.

Sucesso e insucesso escolar nos desportistas

Não é difícil encontrar estudos que comprovem o efeito positivo da prática de desporto no sucesso escolar e que demonstrem que forma essa pratica contribui para a diminuição de comportamentos desviantes permitindo a aquisição de valores sociais (Barber, 2001).

Segundo Hartmann (2008), existem muitas razões que têm sido apresentadas para justificar a forte relação que existe entre a prática desportiva e o sucesso escolar. No entanto, as considerações que prevalecem focam-se em comprovar de que forma o desporto pode ser um meio de sociabilização e cultura e uma atividade que ajuda os alunos a acreditarem em si próprios, a desenvolverem o carácter e a serem disciplinados.

Os primeiros estudos clássicos da relação entre a atividade desportiva e o desempenho escolar foram realizados em França nos anos cinquenta. Nesta investigação o tempo académico foi reduzido em 26% e foi substituído por atividades desportivas. Os resultados acabaram por ser positivos no sentido em que as suas notas não piorara e havia menos problemas relacionados com a disciplina, houve maior atenção durante as aulas e menos absentismo (Bailey, 2005).

Os efeitos da prática desportiva nos jovens estão dependentes do modelo de ensino que tenha o aluno em especial atenção no processo ensino-aprendizagem. A aquisição de competências sociais e escolares depende do envolvimento ativo do aluno na persecução dos objetivos de aprendizagem e da relação positiva que se estabelece entre as tarefas desportivas e as escolares. (Mesquita, 2009 cit. Soares, Antunes e Aguiar, 2011).

O modelo de educação desportiva proposto por Siedentop (1994) trouxe uma perspetiva de abordagem do desporto na escola que dá ênfase à organização da competição desportiva enquanto valor de educação do jovem e de melhoria das suas competências, bem como um papel mais ativo do aluno nas responsabilidades de organização e orientação das atividades desportivas (Soares, Antunes e Aguiar, 2011).

O desporto escolar que tem como principal objetivo cultivar, nos alunos, o gosto pela prática desportiva e inculcar valores éticos que facilitem a integração social do aluno.

Já o desporto federado, apesar de preconizar igualmente a formação integral do praticante, evidencia uma maior preocupação com os resultados, com um aumento dos treinos e uma competição regular, tornando-se por isso mais seletivo. O seu envolvimento na prática

desportiva é bastante mais intenso. Os treinos e as competições também se tornam mais recorrentes e mais exigentes conforme o nível do atleta o que inevitavelmente vai consumir mais esforço físico e emocional por parte deste aluno (Soares, Antunes e Aguiar, 2011).

Para Mendonça (2009) o termo insucesso possui significados ligeiramente diferentes tendo em conta os contextos sendo que na Dinamarca, segundo a autora, não se usa a expressão insucesso, mas sim retenção, que significa o desequilíbrio existente entre capacidades e aptidões dos alunos face ao benefício que estes retiram do sistema (Vaz, 2017).

Com uma visão semelhante, Cortesão e Torres (1990), entendem o insucesso como o incumprimento dos objetivos delineados, ou seja, aquilo que foi traçado pelo sistema educativo para um determinado percurso.

Assim, o conceito de sucesso pode ser subjetivo, dependendo do contexto e das metas estabelecidas pelos indivíduos sejam estes, os alunos, os pais, os professores e ou as escolas. Exemplificando, o sucesso de um aluno pode ser o fracasso do outro, visto que há indivíduos que, por vezes, traçam metas muito altas e ambiciosas e não conseguindo alcançar o percurso traçado dececionam-se pensando ter caído no insucesso (Vaz, 2017).

Concluindo, o insucesso escolar é um fenómeno relacional, envolve diversos fatores quer sejam este de natureza política, cultural, institucional, sociopedagógica e psicopedagógica. Estão ainda diretamente relacionados com as relações com a escola estabelece com os alunos e com a dificuldade que a escola tem em relacionar-se com os alunos social e culturalmente diversos (Benavente, 1988).

Tecnologias educativas e educação a distância

Os valores e padrões sociais estão constantemente a mudar, sendo que os alunos de hoje têm acesso a inúmeras fontes de informação e de conhecimento. De facto, a aprendizagem que antes acontecia maioritariamente na escola, agora quase que podemos dizer que os alunos aprendem tanto na escola como fora desta através das diversas fontes disponíveis como a internet. As modas que nas décadas anteriores que duravam anos, hoje duram meses e num mundo em constante mudança as crianças são quem tem maior facilidade em acompanhá-las.

Moran (2012) refere que a criança também é educada pelos média, principalmente pela televisão. Aprende a informar-se, a conhecer os outros, o mundo, e a si mesmo através de um ecrã, que lhe mostra como viver, ser feliz e infeliz, amar e odiar. Esta é para a criança uma relação fascinante, porque é prazerosa, ninguém os obriga e é feita por meio da sedução, da emoção, da exploração sensorial e da narrativa. Segundo Medina (2016) a internet é uma porta direta ao conhecimento. A autora refere que ainda que a internet ofereça riscos e perigos às crianças, está nas mãos dos pais vigiar a sua utilização para que as crianças possam aproveitar todas as vantagens da Internet, entre elas estão:

- ∇ Ser uma excelente forma de comunicação;
- ∇ Uma forma gratuita de aprender e conhecer sobre qualquer assunto;
- ∇ Pode ser utilizada como ferramenta de apoio escolar;
- ∇ As estatísticas demonstram que as crianças que utilizam a Internet como ferramenta de apoio escolar obtêm melhores notas.
- ∇ É uma ajuda para crianças com algum tipo de deficiência ou problema de aprendizagem.
- ∇ Estimula a pesquisa e o descobrimento.
- ∇ Brincar no parque e sair à rua continuam a ser atividades imprescindíveis na vida da criança, mas é importante que dediquem tempo para brincar com a Internet.
- ∇ Ajuda a socializar as crianças mais tímidas.
- ∇ Desenvolve habilidades tecnológicas. Uma vez que vivemos na era tecnológica e estes conhecimentos podem ser uteis para o futuro.

A introdução das TIC (tecnologias de informação e comunicação) no ensino não se deve remeter a um simples estatuto de substituição dos meios tradicionais (quadro ou manual escolar) ou do professor, mas sim um papel ativo de mudança na forma como se aprende, como se ensina e na interação entre atores na sala de aula (professor e alunos) Silva (2004).

Alguns estudos provam, no entanto, que não será pela simples adição de novos elementos tecnológicos que se transforma a escola (Jaquinot, 1977; Langouët, 1982, 1985; Tardy, 1996, cit. in Langouët, 2000). Estes estudos puseram em causa a ideia de que a introdução de uma nova tecnologia era suficiente para a inovação e renovação das práticas pedagógicas. É o mesmo que acrescentar mais água à sopa, todos os elementos já lá estão e o professor, qual cozinheiro, tem um papel fundamental a desenvolver. É a cultura pedagógica dos professores, as suas atitudes e representações que ditam o sucesso ou insucesso da integração das TIC. Não é suficiente mudar o professor é preciso mudar também os contextos em que ele participa. Em última análise a mudança está no professor e depende do professor, ele “é a chave última da mudança educativa e do aperfeiçoamento da escola” (Hargreaves, 1998, p. 9).

Torna-se, assim, claro que a escola tem que mudar não podendo continuar a transmitir o conhecimento baseado apenas na palavra, principalmente na palavra escrita, situação referida por Carvalho (2003) como de “crise” da escrita. As principais razões, segundo o autor, baseiam-se principalmente na massificação do sistema escolar e no desenvolvimento da tecnologia que permitiu o surgimento de novas formas de lazer que ocuparam muito do tempo anteriormente destinado à leitura, muito embora, o computador e o estado atual da Internet tenham recuperado a palavra escrita. Os alunos devem então ser preparados para pesquisar a informação, selecioná-la e incorporá-la nos seus conhecimentos e ainda serem capazes de a compreender e interpretar as suas mais variadas linguagens. Atividades variadas podem ser utilizadas para atingir este último objetivo como por exemplo fazendo descrições verbais, desenhos, gráficos e utilizando o videogravador ou o computador multimédia.

Papert (1997) acredita que a longo prazo o desenvolvimento de centros comunitários de aprendizagem será uma via alternativa para os meios de aprendizagem do futuro, em que a escola será apenas mais uma entre várias instituições de aprendizagem, com igual legitimidade e financiamento público, levando esta evolução ao conceito de sociedade de aprendizagem. Um dos principais objetivos da escola é proporcionar competências culturais básicas a todos

os alunos, numa sociedade de informação isso significa ser capaz de ler, escrever e contar (competências básicas), mas também possuir literacia em média *media literate*. Esta forma de alfabetização abrange os média mais “antigos” como a televisão, mas também os novos média (computador e Internet).

Segundo Bordenave (1987), descobriu-se o caminho para o EAD (educação a distância) quando os homens começaram a aprender diretamente do texto escrito e não diretamente do professor. Para o autor, na era moderna, a Convent School, em 1905, nos Estados Unidos, foi a instituição pioneira em oferecer instrução elementar por correspondência para as crianças de Baltimore.

A educação a distância vem se adaptando a mudanças ocorridas em tecnologias e nos média impondo-lhe novas metodologias. Assim, torna-se possível separar essa modalidade educacional em fases. Tal distinção é feita de acordo com o uso das tecnologias e com os média utilizados e a forma como é ministrada (Melo, 2008).

É assim que autores como Maia e Mattar (2007) e Moore e Kearsley (2007) dividiram a história da EAD em diferentes gerações. Os dois primeiros autores mencionam três gerações, enquanto os dois últimos falam de cinco sendo a primeira geração - cursos por correspondência; segunda geração - novas tecnologias, média e universidades abertas; terceira geração - EAD *online*; quarta geração - uso da teleconferência e a quinta geração - ensino por computador e Internet.

“A EAD é uma modalidade de educação em que professores e alunos estão separados, planejada por instituições e que utiliza diversas tecnologias de comunicação” (Maia e Mattar, 2007).

Landim (1997); Meirelles (2002); e Moore e Kearsley (2007) refletem sobre algumas finalidades da educação a distância, ressaltando que os programas de EAD podem democratizar o acesso à educação oferecendo educação para todos e fazer o atendimento chegar a públicos-alvo específicos e em locais onde não haja instituições convencionais de ensino ou ajudar aqueles que estejam em desvantagem por limitação de tempo, distância ou incapacidade física promovendo a igualdade de oportunidades educativa. A educação à distância pode ainda, segundo estes autores, propiciar uma aprendizagem autónoma oferece uma estimulação diferente do contexto da sala de aula, os alunos são agentes próprios da sua formação e o

professor torna-se um orientador e facilitador de aprendizagem; incentivar a educação permanente e oferecer estratégias adequadas e instrumentos para a formação permanente, reciclagem e aperfeiçoamento profissionais; promover um ensino inovador com meios didáticos e de multimídia; reduzir os custos causados pela produção de materiais didáticos e apoio do sistema operacional.

Este método de ensino, previsto no nosso sistema educativo está a ganhar cada vez mais espaço no processo educativo, e a demonstrar que está a diminuir o preconceito em relação a esta modalidade de aprendizagem. O ensino à distância foi várias vezes questionado por ser considerado uma solução paliativa, emergencial ou marginal quando comparado com os sistemas convencionais e por isto a qualidade do ensino oferecido foi posta em causa, havia uma tendência em destacar os fracassos em detrimento do sucesso e credibilidade alcançados por algumas das grandes universidades abertas europeias (Belloni, 2006).

1.7 O ensino a distância no ensino básico e secundário em Portugal

O ensino para a itinerância é “uma alternativa para os alunos cuja vida familiar obriga a viajar de terra em terra, sendo integrados em várias escolas no mesmo ano letivo ou ao longo do seu percurso escolar. Foi criada a Base de Dados dos Alunos Filhos de Profissionais Itinerantes (Circular n.º 1/2006, de 2 de janeiro, da então Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular), com o objetivo de garantir o direito à igualdade de oportunidades no acesso à escola, como forma de combater a exclusão social e o insucesso escolar.” (DGE, 2015).

A modalidade de ensino a distancia (ED) é uma oferta educativa criada e regulamentada pela Portaria n.º 85/2014 de 15 de abril (D. R. n.º 74, Série I de 2014-04-15), na sequência das experiências pedagógicas anteriores (Escola Móvel e Ensino a Distância para a Itinerância). Esta modalidade de ensino abrange os 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e do ensino secundário, e funciona através de uma plataforma digital, constituída por salas de aula virtuais, organizadas por público-alvo, ano e ciclo de escolaridade, com recurso a formas de trabalho síncronas e assíncronas.

Segundo a Direção Geral de Educação (2015), os destinatários desta oferta educativa são:

a) Alunos filhos de profissionais itinerantes que estão sujeitos a condições especiais de frequência escolar, dada a constante mobilidade das famílias;

b) Alunos que não concluíram a escolaridade obrigatória e que se encontram integrados em instituições particulares de solidariedade social que estabeleçam com a escola sede do ED protocolos visando assegurar o cumprimento daquela;

c) Alunos matriculados que, por razões de saúde ou outras consideradas relevantes, se encontram impedidos de frequentar uma escola em regime presencial, durante e até ao limite do ano letivo que frequentam, obtido parecer favorável da DGE e, no caso do curso profissional, da ANQEP (Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional).

No nosso país, este tipo de ensino já tem matriculados, segundo a escola sede, cerca de 300 alunos do ensino básico e secundário e é através do computador que a escola chega a estes

alunos, alguns com doenças que os obrigam a faltar, outros que são atletas de alta competição com carreiras duplas que os obrigam a faltar devido aos treinos e competições ou ainda os que fazem parte de famílias itinerantes (o primeiro público alvo deste tipo de ensino agora alargado para mais alunos), como é o caso dos que vivem no circo e que na escola regular teria que passar por várias escolas ao longo de um ano.

Quando esta opção surgiu há 10 anos, por iniciativa do Ministério da Educação, os recursos eram poucos e as aulas funcionavam apenas por chat onde os professores e os alunos trocavam apenas mensagens de texto. A Escola Secundária de Fonseca Benevides é há sete anos a sede deste tipo de ensino que conta neste momento com 40 professores, as aulas à distância funcionam da mesma maneira que as presenciais, com trabalhos, fichas, e testes, a única diferença destas aulas para as convencionais é que o computador é a ponte entre os alunos e os professores.

Desta forma, ainda que não muito explorado e conhecido, este tipo de ensino está previsto como opção no nosso ensino.

Portugal tem, segundo José Manuel Constantino (presidente do comitê olímpico nacional) muitos jovens estudantes que ambicionam um dia ser atletas profissionais. Mas então o que fazer com a escola? Ainda que os pais e encarregados de educação queiram encorajar e apoiar estes jovens a seguir os seus sonhos, esta pode ser uma tarefa difícil a partir do momento em que o atleta começa a ter a oportunidade de competir quer seja a nível regional, nacional ou mesmo internacional. Nesta fase, os pais muitas vezes lutam para ajudar os seus alunos a atingir metas pessoais e académicas num ambiente de sala de aula tradicional (Erickson, 2004).

Os alunos que estão envolvidos ativamente num desporto competitivo têm a necessidade de um ambiente de aprendizagem mais personalizado e flexível como as escolas *online* que lhes permita equilibrar melhor a sua carreira dupla. Isto permitiria que tivessem a oportunidade de perseguir os seus sonhos como atletas enquanto recebem uma educação completa e recompensadora. Segundo Osorno (2017), algumas das muitas maneiras que estes alunos poderiam beneficiar seriam:

A inexistência de faltas, com um horário adaptado a eles e bastante mais flexível não existiria a necessidade de faltarem dias ou semanas às aulas quando as provas se aproximam;

Teriam mais tempo para treinar, algumas das federações justificam o facto de os atletas portugueses não obterem melhores resultados, especialmente em desportos onde o pico da performance é numa idade jovem e por vezes até mesmo idade escolar, apenas por falta de tempo de treino. Com este tipo de educação, desde que os alunos cumprissem os prazos dos trabalhos da escola e mantivessem um contacto permanente com os seus professores estes alunos teriam bastante mais sucesso tanto académico como desportivo;

Uma oportunidade para atingir o seu potencial máximo académico. Às vezes, atletas ocupados que aprendem através da educação escolar tradicional não conseguem atingir seu pleno potencial académico. Com a existência de uma escola *online* de qualidade, os jovens atletas poderiam aprender com professores *online* dedicados e solidários que se dedicam a ajudá-los a ter sucesso e avaliar com frequência o progresso acadêmico;

Causaria menos *stress* e preocupação ao aluno. Equilibrar o desporto de competição com a escola pode se tornar desgastante e frustrante, especialmente para os estudantes que se esforçam para se destacar em ambas as áreas. Com a aprendizagem a distância, os alunos podem obter o descanso adequado necessário entre as provas e os treinos sem comprometer sua educação ou bem-estar com o assistir a vídeo aulas por exemplo;

Aprender em qualquer lugar. Alguns atletas viajam frequentemente para competições, *performances* ou treinos. Uma das muitas vantagens da escola *online* é que os alunos podem fazer o trabalho escolar com eles e aprender de onde estiverem – num hotel, num centro de treino ou no aeroporto - usando uma conexão de internet eficiente.

A articulação entre o desporto de alto rendimento e o sucesso escolar e as tecnologias educativas

Um dos grandes objetivos da educação atual é promover o sucesso escolar. Contudo, as aprendizagens desenvolvem-se no interior do ser humano, e nem todos têm estruturas mentais que permitem realizar as aprendizagens com sucesso, o que, conseqüentemente irá prejudicar o seu desempenho escolar (Medeiros, 1993).

Para Afonso (1988, p.41), o insucesso escolar alude “quase sempre a um conjunto de percentagens e números globais em torno de alguns indicadores visíveis de fracasso escolar dos alunos (reprovações, abandonos, repetências, etc.)”.

Medeiros (1993), sugere que a escolaridade primária é a base da educação escolar e assim sendo, o fracasso durante os primeiros anos na escola deve ser considerado sinal de alarme e que todas as crianças que nessa situação se encontram devem ser sujeitas a um exame rigoroso.

Por sua vez, Martins (2007, cit. por Dias, 2012, p.51) alude sobre o sucesso/insucesso, que “não devemos desprezar a correlação entre escolar e educativo, uma vez que, para além de ensinar conhecimentos, a escola deve assumir o papel de educar”.

O projeto Eurydice (1995, p.47) define insucesso escolar “como a incapacidade que o aluno revela de atingir os objetivos globais definidos para cada ciclo de estudos” (Matias, 2013, p. 24).

Uma das grandes problemáticas para os jovens envolvidos em desportos de Alto Rendimento é a relação e conciliação entre a escola e o treino. Para a maioria dos desportos, o período biográfico durante o qual se pode atingir a melhor performance é na adolescência. É também nesta fase que existe uma grande pressão na escola, já que os resultados escolares irão influenciar o futuro académico. Equilibrar as exigências da escola juntamente com as exigências do desporto acaba por ser um teste de stress existencial (Brettschneider, 1999).

Ponte (1997) refere que as tecnologias ajudam a criar situações de aprendizagem ricas, variadas e estimulantes sendo que trazem para o primeiro plano objetivos educacionais associados às formas mais elevadas de raciocínio, como a capacidade de resolver problemas

novos, o desenvolvimento do espírito crítico e da criatividade e a tomada de decisões em situações complexas.

Campbell (1998) defende que o tempo necessário para se chegar a atleta de alto rendimento está a tornar-se cada vez mais prolongado. Tendo de se considerar o problema dos jovens que treinam várias horas por dia numa piscina, num ginásio ou num recinto de jogos desportivos, após um dia normal de escola.

A realidade é que o desporto de alto rendimento entrou desde há muito tempo no universo das crianças e jovens, tal como a busca de rendimento e do recorde de forma precoce e a todo o custo, exigindo-se de forma desenfreada, sem olhar a possíveis consequências, de jovens cada vez mais novos, rendimentos cada vez mais elevados (Garcia, 1995).

A relação entre a prática desportiva e o sucesso/insucesso escolar “coloca em jogo duas variáveis relevantes nesta etapa da vida: o desporto, pelos benefícios e interesse que suscita, e o rendimento académico, que parece concretizar o sucesso escolar destes jovens, cujo projeto de vida assenta sobretudo na sua formação académica” (Costa, 2007, p.3).

Os atletas de alto rendimento estão sujeitos a grandes exigências quer ao nível do processo de treino, quer ao nível das suas prestações desportivas, provocando-lhes inúmeras dificuldades, sendo bastante complicado, a maioria das vezes, conciliar o alto rendimento e as atividades escolares e sociais (Zenha, Resende & Gomes, 2009).

Como é óbvio, o papel da comunidade educativa, principalmente do professor, é preponderante para o sucesso escolar do aluno, uma vez que nem sempre os órgãos executivos das escolas são flexíveis nos apoios a conceder aos atletas/alunos. Como afirma Sil (2002) o professor não deverá ser entendido apenas como transmissor de conhecimentos, mas estabelecer uma relação facilitadora das aprendizagens e considerar que o sucesso educativo dos alunos implica empenhamento individual e coletivo dos professores, perspetivando essa implicação no quadro da instituição escolar e na realidade dos alunos envolvidos.

Zenha, Resende & Gomes (2009) referem assim que, a possibilidade de obtenção de um estatuto desportivo de alto rendimento não resolve as dificuldades inerentes a esta “vida-dupla” de desportista uma vez que dificilmente o programa ideal de treino para a obtenção de melhores resultados nem sempre é compatível com os horários escolares.

Sendo assim, é necessário, para que não haja interferência prejudicial no seu percurso/rendimento escolar, que “os alunos não comprometam algum do tempo que lhes poderá ser útil para estudar, por se dedicarem excessivamente a atividades de carácter desportivo”. Também “que os diferentes agentes educativos reúnam esforços no sentido de ajudar os alunos a melhor gerirem e organizarem o seu tempo, de modo a não comprometerem a concretização do seu sucesso escolar” (Costa, 2007, p.29 citado por Santos, 2012).

Para Tokila (2002) combinar desporto e educação sem qualquer programa especial é uma tarefa difícil. Segundo Costa (2007), o que afeta o desempenho escolar dos alunos não é praticarem ou não desporto, mas sim o facto de dedicarem a essa prática mais tempo do que o que seria desejável.

Desta forma, para se atingir um bom desempenho escolar, há uma grande necessidade por parte dos atletas/alunos em conseguirem organizar e gerir bem o tempo, do mesmo modo que, “possuir qualidades de organização pessoal acima da média dos jovens da mesma idade”, só assim serão capazes de conseguirem conciliar os estudos com um desporto, e ainda tirarem proveito de algum tempo livre para outras atividades sociais (Zenha, Resende & Gomes, 2009, p.8).

O ensino a distância bem como as tecnologias educativas em geral podem ser um bom aliado destes jovens no que diz respeito a gerir melhor o tempo, e a permitir uma maior flexibilidade na sua aprendizagem e até um contacto mais pessoal com o professor através de vídeo conferências e ensino personalizado e, por conseguinte, permitir a estes alunos obter melhores resultados em ambas as duas carreiras.

Capítulo II – Metodologia

Este capítulo estrutura-se por cinco secções de forma a explicitar e fundamentar os objetivos da investigação, métodos utilizados bem como todo o processo seguido nesta investigação.

A primeira secção aborda os objetivos do estudo, a segunda secção foca-se na reflexão sobre as questões metodológicas com o objetivo de justificar a estratégia de investigação escolhida. Na terceira secção está refletido o todo o procedimento de recolha de dados, na secção seguinte caracteriza-se tanto o contexto da investigação como o público alvo. Finalmente são descritos os instrumentos utilizados.

1. Objetivos de investigação

Os estudos nas áreas da educação e do desporto raramente encaram os jovens atletas como jovens com carreiras duplas equiparadas por exemplo ao trabalho infantil no meio artístico.

As exigências a que os atletas de alta competição são submetidos, quer ao nível do processo de treino que ao nível das prestações desportivas, criam-lhes diversas dificuldades, sendo, por vezes, muito difícil conciliar as atividades educativas e a prática desportiva (Zenha, Resende & Gomes, 2009).

O estudo em causa tem como objetivos centrais (i) identificar como se desenvolve a formação dos atletas de alto rendimento, (ii) perceber de que modo as tecnologias estão presentes nessa formação.

Pretende-se igualmente entender e descrever como os jovens atletas formam o seu projeto individual de carreira, revelando de que forma as oportunidades escolares, desportivas e as suas motivações pessoais influenciam as suas escolhas a curto e a longo prazo. Procura-se ainda investigar como estas decisões afetam o seu dia-a-dia, a sua rotina e percurso escolar e quais as estratégias utilizam para compatibilizar a formação escolar com a prática desportiva. Por último, tentou identificar-se que apoios existem e se os atletas questionados usufruem dos mesmos, e ainda perceber se estes jovens se sentem recompensados, e com aspirações para o futuro ligadas a esta carreira.

Com o questionário desenvolvido pretende-se ainda compreender que ferramentas tecnológicas são utilizadas por estes jovens, com que frequência, para que tarefas e o quão importantes são para estes alunos no seu dia-a-dia e de que forma os ajudam na conciliação dos treinos com a escola.

Dias (2013) refere que “o sucesso desportivo e sucesso escolar possuem um caráter ambivalente, que marca presença na maioria das vezes, ao longo do trajeto desportivo dos atletas de alta competição, pois a prática da modalidade inicia-se em idades jovens e abrange a idade escolar” (p.56).

Pérez e Aguilar (2012) atestam que:

Ao esforço que implica a realização de todas as atividades inerentes à prática desportiva, os estudantes desportistas têm que juntar as que deveriam do seu processo formativo. Uma situação semelhante vive-se, também, no seu inverso, uma vez que os estudantes para além de terem que cumprir o seu processo de aprendizagem, têm que dedicar uma parte importante do seu tempo à atividade desportiva, o que compromete as possibilidades de obter um rendimento académico excelente (p. 20).

2. Abordagem de investigação

Segundo Santos (2002), as investigações são importantes para incrementar o conhecimento e, deste modo, promover o progresso científico permitindo ao Homem um relacionamento mais eficaz com o seu ambiente, atingindo os seus fins e resolvendo os seus conflitos.

Uma investigação pode ser definida como o melhor meio para obter soluções para problemas, através de recolhas planeadas, sistemáticas e respetiva interpretação dos dados (Cohen & Manion, 1980).

Como referem Ludke e André (1986) e Santos (1999, 2002) investigar é um esforço de elaborar conhecimento sobre aspetos da realidade na busca de soluções para os problemas expostos. Assim, uma investigação é utilizada para resolver problemas e para alargar conhecimentos sendo, portanto, um processo que tem por objetivo enriquecer o conhecimento já existente (Bell, 1997).

No que diz respeito às opções metodológicas uma pesquisa pode ser classificada quanto à natureza da pesquisa, e classificação quanto à escolha do objeto de estudo. Relativamente às técnicas de pesquisa os estudos podem ser classificados quanto às técnicas de recolha e de análise de dados (Oliveira, 2011).

Tabela 1- Classificação da metodologia científica

Classificação quanto aos objetivos da pesquisa	Classificação quanto à natureza da pesquisa	Classificação quanto à escolha do objeto de estudo	Classificação quanto à técnica de colecta de dados	Classificação quanto à técnica de análise de dados
∇ Descritiva	∇ Qualitativa	∇ Estudo de caso único	∇ Entrevista	∇ Análise de conteúdo
∇ Exploratória	∇ Quantitativa	∇ Estudo de casos múltiplos	∇ Questionário	∇ Estatística multivariada
∇ Explicativa	∇ Qualitativa - quantitativa	∇ Amostragens probabilísticas	∇ Observação	∇ Triangulação na análise
∇ Exploratório - descritiva		∇ Estudo censitário	∇ Pesquisa documental	
			∇ Pesquisa biográfica	
			∇ Pesquisa	
			∇ Triangulação	
			∇ Pesquisa – ação	
			∇ Experimento	

Fonte: Oliveira (2011)

Ainda que com diferentes denominações, diversos autores como Castro (1976), Lakatos e Marconi (2001) ou Malhotra (2001), identificam três tipos básicos de pesquisa sendo estes: pesquisa exploratória, a descritiva e por fim a explicativa que pode ser denominada de causal o experimental (Oliveira, 2011).

3. Estudo descritivo

Godoy (1995) refere que “quando o estudo é de caráter descritivo e o que se busca é o entendimento do fenômeno como um todo, na sua complexidade, é possível que uma análise qualitativa seja a mais indicada” (p. 63).

Esta abordagem visa a compreensão ampla do fenômeno que está a ser estudado, considera que todos os dados da realidade são importantes e devem ser examinados. Desta forma, o ambiente e as pessoas nele inseridas devem ser olhados holisticamente: não sendo reduzidos a variáveis, mas observados como um todo (Godoy, 1995).

Ainda segundo o autor mencionado acima (1995), os pesquisadores qualitativos estão consideravelmente preocupados com o processo e não apenas com os resultados ou produto. É por isso do seu interesse verificar como determinado fenômeno se manifesta nas atividades, procedimentos e interações diárias. Não é possível compreender o comportamento humano sem a compreensão do quadro referencial (estrutura) dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações.

Godoy (1995) “Como os pesquisadores qualitativos não partem de hipóteses estabelecidas a priori, não se preocupam em buscar dados ou evidências que corroborem ou neguem tais suposições. Partem de questões ou focos de interesse amplos, que vão se tornando mais diretos e específicos no transcorrer da investigação. As abstrações são construídas a partir dos dados, num processo de baixo para cima. Quando um pesquisador de orientação qualitativa planeja desenvolver algum tipo de teoria sobre o que está estudando, constrói o quadro teórico aos poucos, à medida que coleta os dados e os examina.” (p. 63).

4. Processo de amostragem

Para esta investigação pretendeu-se estudar um conjunto de atletas que não tivesse ainda acabado o ensino escolar obrigatório. Assim, definiram-se como variáveis de seleção que os participantes fossem: (i) atletas com estatuto de alto rendimento e (ii) representantes da seleção nacional em diferentes modalidades desportivas.

O método de amostragem escolhido foi assim de conveniência, tendo sido o questionário distribuído através da plataforma Google Forms e partilhado com os atletas via email e redes sociais.

Segundo Ochoa (2015), a amostra de conveniência é uma técnica bastante comum e é feita através da população que esteja acessível e prontamente disponível, não havendo qualquer tipo de seleção, sendo que os participantes não são selecionados por meio de um critério estatístico. Este método tem a vantagem de apresentar uma maior facilidade operacional e um reduzido custo de amostragem. No entanto tem a incapacidade de fazer afirmações gerais com rigor estatístico sobre a população, pois as conclusões só podem ser aplicadas à amostra.

Este tipo de amostra, segundo Carmo e Ferreira (1998), utiliza-se um grupo de indivíduos que esteja disponível ou um grupo de voluntários.

5. Instrumento de recolha de dados

Rodrigues (2012) considera o questionário como um instrumento de recolha de informação normalizado, pois tem uma sequência e forma de questões rígidas, ou seja, pode ser aplicado a todos os indivíduos de igual forma e na mesma sequência. Esta característica do questionário possibilita a descrição e comparação das respostas dos indivíduos e a verificação das hipóteses de trabalho colocadas pelo modelo de análise.

É importante a referência a dois pontos: Primeiramente, a lista de participantes inscritos no registo de alto rendimento presente no *site* do instituto português do desporto não disponibiliza a data de nascimento ou a idade dos atletas. Segundo, as federações das respetivas modalidades não foram grande ajuda na agilização da distribuição dos questionários. Assim, todos os atletas tiveram que ser contactados por mim de forma a garantir que se enquadravam nos moldes desta investigação.

A utilização da plataforma Google Docs pretendeu abranger um maior número de participantes num curto espaço de tempo, possibilitando ainda uma maior rapidez de distribuição e de resposta.

O questionário é uma ferramenta de investigação composta por um conjunto de questões apresentadas por escrito. Pode ser elaborado e distribuído em papel pessoalmente ou digitalmente.

A sua construção não é uma tarefa fácil, e talvez por isso, muitos investigadores não optam por utilizar esta técnica de investigação como instrumento de recolha de dados. Ainda assim segundo Almeida e Pinto (1995), existem algumas vantagens na utilização deste tipo de técnica como por exemplo: a possibilidade de atingir um grande número de pessoas; garantir o anonimato das respostas; permitir que as pessoas respondam no momento que lhes pareça mais apropriado; não expõe os questionados sob influência do questionador.

Rodrigues (2012) considera o questionário como um instrumento de recolha de informação normalizado, pois tem uma sequência e forma de questões rígidas, assim sendo, pode ser aplicado a todos os indivíduos de igual forma. Esta característica do questionário possibilita a descrição e comparação das respostas dos indivíduos e a verificação das hipóteses de trabalho colocadas pelo modelo de análise (Ferreira, 2017 cit. Rodrigues 2012).

Afonso (2005), refere que a aplicação de um inquérito por questionário possibilita “...converter a informação obtida dos inquiridos em dados pré-formatados, facilitando o acesso a um número elevado de sujeitos e a contextos diferenciados” (p.101).

Sendo um método menos invasivo de questionamento uma vez que a interação é apenas indireta entre o investigador e os indivíduos questionados, é imperativa uma especial atenção na construção e apresentação das questões, na sua estrutura e na linguagem e tom das próprias questões.

Segundo Carvalho (2015), num questionário as questões apresentadas devem ser claras, coerentes, incidir especificamente sobre o tema que se quer abordar e obedecer ao princípio da neutralidade, não induzindo qualquer resposta. Para garantir o maior número de respostas possível deve ser curto, de fácil acesso e resolução rápida.

De acordo com Saunders (2009), a forma como se constrói cada questão deve ser em detrimento dos dados que são precisos recolher. Os investigadores podem utilizar questões de questionários anteriores, podem adaptar questões ou podem criar as suas próprias perguntas.

Ainda segundo o autor supramencionado, a adoção ou a adaptação de perguntas de outros questionários pode ser necessária se a intenção for replicar, ou comparar os próprios resultados com os de outro estudo e se as perguntas já estiverem devidamente validadas economiza-se tempo e é mais eficiente pois existe a confiabilidade já comprovada. Ainda assim é sempre necessário avaliar cuidadosamente cada pergunta antes de as adotar, pois existe uma grande quantidade de perguntas mal formuladas em circulação.

Foram utilizados dois tipos de questões, as questões de resposta aberta e as de resposta fechada. As questões de resposta aberta vão permitir ao inquirido responder livremente a uma questão, este tipo de questões foi utilizado numa primeira fase do questionário onde se obtêm as informações pessoais e demográficas e em algumas questões com respostas múltiplas onde se dá liberdade ao inquirido de responder com uma opção que não é apresentada. Na sua grande maioria as questões apresentadas são de resposta fechada, onde se procura que o inquirido apenas selecione a opção (de entre as apresentadas), que mais se adequa à sua opinião. Para estas questões foi quase sempre utilizada uma escala de intervalo como resposta, de forma a garantir que todos os cenários de resposta são contemplados e facilitar a compreensão por parte dos inquiridos.

O questionário divide-se em secções onde a primeira é dedicada a informações pessoais e dados demográficos, a segunda sobre a sua vida escolar e desportiva e a última parte mais focada nos desafios e necessidades da sua vida enquanto atleta.

Este instrumento de recolha de dados passou por algumas versões até ser finalizado. Para garantir a validade do mesmo, o instrumento foi enviado a especialistas, tendo sido feitas as alterações sugeridas. Depois de alguns ajustamentos decidiu-se adotar o questionário como definitivo uma vez que se verificou a sua relevância, clareza e compreensão nas perguntas aplicadas.

O questionário é assim composto por cinquenta questões, organizadas em (i) escolha múltipla; ii) resposta rápida e; iii) escala de intervalos.

Na primeira parte do questionário foram solicitadas informações pessoais e desportivas aos atletas como a idade, sexo, nível de escolaridade, modalidade que pratica, etc. Numa segunda fase as informações a obter foram relativas ao dia-a-dia dos atletas enquanto alunos e desportistas de alto rendimento.

Procurou-se que o questionário fosse contruído de forma a dar voz a estes atletas e a perceber como é o seu dia-a-dia e a sua relação com a escola, o desporto e de que forma utilizam as tecnologias a seu favor na gestão das suas carreiras duplas.

6. Público alvo e participantes na investigação

Capítulo III – Análise dos dados

Capítulo IV – Discussão

1. Os atletas de alto rendimento portugueses

Procurou-se com esta investigação trazer à discussão a realidade académica dos atletas de alto rendimento e as dificuldades com que estes se deparam durante a sua carreira escolar.

Com uma pesquisa rápida na internet podemos perceber que são poucos os nossos jovens entre as listas de melhores atletas a nível mundial, e mesmo as suas participações em provas internacionais não são tantas quanto as que poderiam ser uma vez que ainda existe pouco financiamento em grande parte das modalidades.

Durante a realização desta investigação estavam a decorrer os apuramentos para os Jogos Olímpicos da Juventude (JOJ), uma das provas mais importantes nas carreiras destes jovens. Esta é a prova equivalente ao sonho de qualquer atleta em idade adulta que é participar nos Jogos Olímpicos, no caso destes atletas, de Tóquio em 2020.

Nas últimas duas edições dos JOJ (de verão) os atletas portugueses obtiveram duas medalhas, em ambos os anos duas de prata e duas de bronze. Na edição de 2010 foram apurados 19 atletas e na edição seguinte 21 atletas.

Em 2018 os jogos olímpicos da juventude realizam-se na Argentina e segundo o Comitê Olímpico Português, este ano Portugal obteve o maior número de qualificações de sempre e entre 6 e 18 de outubro competirão 41 atletas portugueses em representação de 12 modalidades (Atletismo, Canoagem, Esgrima, Ginástica, Karaté, Natação, Patinagem, Pentatlo Moderno, Triatlo e Vela juntam-se também o Andebol de praia masculino e o Futsal feminino). Nesta investigação participaram apenas dois atletas que obtiveram esta aprovação, mas muitos outros tentaram a sua sorte sem sucesso.

A título de exemplo, o nosso país vizinho (Espanha) na última edição em 2014 realizados em Nanquim, na República Popular da China, levou 66 atletas de 24 modalidades

levando para casa 9 medalhas, 2 de ouro. Os Estados Unidos da América levaram 94 atletas e levou para casa 22 medalhas, 10 delas de ouro.

2. O Projeto-Piloto UAARE e o ensino a distância

Como foi referido anteriormente, o Decreto-Lei n.º 272/2009, de 1 de outubro, assim como o Decreto-Lei n.º 45/2013, de 5 de abril, consagram um conjunto de medidas de apoio aos alunos em regime de alto rendimento ou integrados em seleções nacionais, respetivamente. Ainda assim, como podemos verificar com esta investigação, na prática tais medidas não têm surtido o efeito desejado muito por força da inexistência de unidades que consigam, com rigor e efetividade, convergir esforços entre os vários agentes implicados naquele exigente processo.

Desta forma, em Portugal, atualmente o maior esforço para a ajuda a estes atletas é o Projeto-piloto UAARE – “Unidades de Apoio ao Alto rendimento na escola” despacho conjunto n.º 9386-A/2016, de 21 de julho. Este é um projeto inspirado no sucesso do Gabinete de Apoio ao Alto Rendimento (GAAR) de Montemor-o-Velho criado em 2009 que obteve resultados positivos segundo a DGE (Direção-Geral de Educação): campeões nacionais, medalhas internacionais, alunos integrados no projeto olímpico e uma taxa de sucesso escolar acima dos 90%.

O Projeto-piloto UAARE será coordenado pela Direção-Geral da educação em colaboração com o instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), e os agrupamentos de escolas envolvidas.

Todas as informações sobre este Projeto-piloto podem ser encontradas no *site* da Direção-Geral de Educação onde se pode ler que:

“As UAARE visam uma articulação eficaz entre os agrupamentos de escola, os encarregados de educação, as federações desportivas e seus agentes e os municípios, entre outros interessados, tendo por objetivo conciliar, com sucesso, a atividade escolar com a prática desportiva de alunos/atletas do ensino secundário enquadrados no regime de alto rendimento ou seleções nacionais.”

O ministério da educação anunciou em março de 2018 o alargamento das escolas abrangidas por este projeto. Em 2019 vão existir doze escolas parceiras deste projeto que serviram de Unidades de Apoio ao Alto Rendimento nas Escolas que atualmente abrangem mais de três centenas de alunos atletas de alta competição.

Em cada uma destas escolas-piloto serão formadas equipas pedagógicas UAARE que terão como objetivo acompanhar o processo pedagógico e de apoio psicológico para cada um dos alunos envolvidos.

É de referir também que no âmbito deste projeto, foi criada uma plataforma interna de acompanhamento online, uma base de dados que permita o acesso direto a toda a informação sobre as UAARE, e um sistema de avaliação, monitorização e regulação do mesmo tendo em conta os objetivos traçados.

São sete os atletas que participaram nesta investigação e estão numa destas escolas-piloto, a escola secundária Pedro Nunes em Lisboa. No início do ano letivo de 2017/2018 a investigadora teve a oportunidade de estar presente na reunião de boas vindas aos novos alunos que tinham sido transferidos para aquela escola por serem atletas de alto rendimento e pertencentes à seleção nacional. O foco desta reunião foi dar a conhecer aos encarregados de educação destes alunos as condições que a escola tem para oferecer enquanto UAARE.

Os encarregados de educação destes alunos mostraram as suas preocupações essencialmente com faltas e com os períodos de avaliação que por vezes coincidem com a época de maiores competições. Ainda assim saíram da reunião com uma atitude positiva uma vez que lhes foi garantido que ainda que este seja um Projeto-Piloto há professores preocupados com estes alunos e que os esforços estão a ser reunidos para os ajudar.

Este projeto promete melhores condições para estes alunos, promete melhor formação de professores, psicólogos escolares que estão disponíveis para estes alunos sendo que a escola tem que saber antecipar os acontecimentos para desenvolver soluções de forma a se obter mais sucesso escolar e desportivo. Outro ponto que foi referido foi que os alunos desta escola teriam direito a aulas extra para compensar as aulas que possam ter perdido ao longo do período o que segundo a presente investigação não acontece sendo que apenas um destes sete alunos respondeu que os seus professores davam aulas extra (figura 7).

Foi também referido a disponibilização de ambientes virtuais de aprendizagem que ajudaria os alunos a ficarem a par da matéria caso faltassem às aulas.

As expectativas são então que este Projeto-Piloto possa evoluir e que possa ser criada uma ponte entre este projeto do ensino a distância (ED) que atualmente tem sede na escola

Fonseca Benevides, escola esta que também é uma UAARE. A ED é uma oferta educativa e formativa para os 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e do ensino secundário, complementar das outras ofertas curriculares existentes nestes níveis de ensino. Assim esta modalidade da “escola online” já existe no nosso país ainda que no estado quase embrionário uma vez que esta é a única escola preparada para tal modalidade e as vagas são ainda reduzidas e os alunos prioritários são os alunos filhos de profissionais itinerantes sujeitos a condições especiais de frequência escolar, alunos que não concluíram a escolaridade obrigatória que se encontram integrados em instituições particulares de solidariedade social e alunos matriculados que por questões de saúde estão impossibilitados de frequentar as aulas presenciais.

No *site* da escola secundária Fonseca de Benevides pode-se ainda ler que “o ensino a distância funciona através de uma plataforma digital, constituída por salas de aula virtuais, organizadas por público-alvo, ano e ciclo de escolaridade, com recurso às formas de trabalho síncronas e assíncronas”.

Este tipo de ensino ainda que com sede nesta escola, funciona em articulação com as restantes escolas do país sendo que os alunos podem em qualquer altura frequentar aulas presenciais nas escolas perto da sua residência sempre que possível ainda que temporariamente.

No ensino a distância os alunos continuam com turmas e horários para cumprir, ainda que *online*, os alunos têm sempre que estar presentes nas aulas e os trabalhos e testes funcionam praticamente da mesma maneira que a escola presencial, apenas com um carácter digital.

À avaliação destes alunos são aplicáveis as disposições legais em vigor relativas aos alunos dos ensinos básico e secundário. Estes alunos têm ainda que realizar provas finais na escola sede do ED, em escolas de acolhimento da rede pública nacional e nas escolas portuguesas no estrangeiro.

Dito isto, pode-se concluir que, ainda que estes esforços estejam numa base inicial, é um grande passo com uma visão no futuro. É de esperar que daqui a cinco ou mesmo dez anos os nossos futuros atletas de alto rendimento tenham condições que os atletas de hoje sonham ter.

Esta investigação não pretendeu que todos os atletas abandonassem a escola presencial e que a trocassem por um ensino a distância, até porque a escola como nós a conhecemos é muito importante no processo de formação pessoal da criança e do jovem (Sylva 1994).

Aqui tentou-se demonstrar uma lacuna no nosso sistema de ensino que dificulta bastante a vida destes alunos, e tentar perceber de que forma as tecnologias (educativas) podem ser um grande auxílio nesta sua vida académica.

3. Como funciona a escola online nos Estados Unidos da América

Ainda que o aumento da tendência da educação *online* esteja a acontecer em todo o mundo, há poucos países que tenham um grande foco nessa área. Esses principais países são os líderes da educação *online*, e por isso um modelo para os outros que também ambicionem os seus resultados positivos (Debroy, 2017).

Debroy (2017), identificou cinco países pioneiros e modelos em educação a distância, são estes:

1. *Estados Unidos da América (EUA)*, são mais de seis milhões de alunos atualmente inscritos em escolas *online* e apenas um terço destes alunos são estudantes do ensino superior;
2. *Índia*, este país está no topo no que diz respeito a esta modalidade de ensino na Ásia com grande foco na educação superior. Na última década a Índia tem desenvolvido programas pioneiros e com grande qualidade que têm ganho popularidade também por uma questão económica. Muitos alunos não conseguem pagar as faculdades presenciais tradicionais e esta solução que lhes permite estudar a partir de casa está a ganhar seguidores.
3. *China*, pela própria dimensão do país a escola online na China também está a ganhar força por uma questão prática. O país está atualmente a fortalecer as ligações à internet nas localizações mais rurais para que o progresso nesta modalidade de ensino ainda seja maior.
4. *Coreia do Sul*, este país vanguardista na área da tecnologia tem atualmente 17 universidades *online* com um grande foco na qualidade do equipamento e do software de ensino que disponibiliza aos seus alunos. A Coreia tem em prática o que eles chamam de “*smart learning*” e estão focados em oferecer mais cursos em inglês de forma a captar estudantes de todo o mundo.
5. *Reino Unido*, a educação a distância no Reino Unido não é recente, mas desde 2011 recebeu uma atenção extra do governo o que fez com que tivesse um grande crescimento nos últimos anos.

Pelas razões a cima mencionadas os EUA foram tomados como um bom exemplo a seguir nesta investigação.

Montgomery (2016) diz que uma escola secundária *online* é qualquer escola que ensine e funcione virtualmente, em vez de presencialmente. Algumas escolas de segundo e terceiro ciclo *online*, são programas híbridos, em que os alunos devem passar uma parte do tempo numa escola física, mas também existe a possibilidade de um programa de ensino totalmente *online* realizado de forma virtual. Alunos em programas *online* completos não aprendem numa escola física diariamente, mas têm a possibilidade de aprender em qualquer lugar com conexão à Internet, é também desta forma que podem interagir com seus professores, via salas de aula virtuais, por e-mail e/ou pelo telefone.

Ainda segundo Montgomery (2016), o dia de escola para estes alunos matriculados em escolas *online* é relativamente parecido a um dia típico para os alunos em escolas presenciais, no sentido em que têm que despende de cerca de cinco ou seis horas para as suas tarefas escolares.

Assim, embora os alunos possam definir seus próprios horários na modalidade de escola *online*, a quantidade de tempo necessário para o curso e os estudos permanece o mesmo, quer a escola seja realizada *online* ou pessoalmente.

Igualmente ao que acontece como as escolas físicas, as escolas *online* americanas podem ser divididas em duas grandes categorias de escolas públicas e privadas. E assim como as escolas físicas, as diferenças entre os dois tipos podem ser divididas da seguinte forma:

As escolas públicas *online* usam professores credenciados e certificados pelo estado, não cobram nenhuma taxa, seguem os padrões estaduais de ensino e concedem um diploma legal do ensino secundário após a conclusão dos créditos e cursos exigidos. Essas escolas são financiadas pelo governo, assim como escolas públicas físicas.

Escolas secundárias privadas *online* seguem os seus próprios requisitos e padrões de educação (em vez de padrões estaduais), cobram mensalidades e, e no também concedem o diploma de final de curso. Essas escolas são privadas, assim como as escolas privadas físicas.

Seja pública ou privada, muitas escolas *online* exigem que seus alunos sejam residentes do estado ou de um distrito escolar específico, enquanto outras escolas aceitam estudantes que moram em qualquer estado ou distrito escolar (ou estudantes que não têm endereço fixo).

Outras escolas *online* aceitam estudantes fora do estado, mas cobram taxas de matrícula que os estudantes do estado não precisam pagar.

Nem todos os estados têm uma escola pública *online*, desta forma, os alunos que moram num desses estados (ou estudantes que não têm endereço fixo) e que desejem frequentar o ensino *online* devem-se inscrever numa escola *online* que aceite alunos fora do estado ou numa escola *online* privada que funcione da mesma forma.

Nos EUA existe cerca de duas centenas de escolas *online* públicas, estas escolas têm excelentes opções e programas educativos que são adaptados quase individualmente a cada aluno totalmente ou parcialmente à distância.

Nestas escolas podemos encontrar desde jovens atores, atletas, bailarinos, artistas circenses, *youtubers*, modelos, cantores que tenham vidas inconstantes e com horários de trabalho que não são compatíveis com a escola. A escola *online* pode ser importante para crianças que padeçam de alguma doença que os impossibilite de frequentar a escola presencial. Este tipo de ensino também engloba crianças filhas de militares ou qualquer outra profissão que exija mobilidade constante ou semi – constante, e pode ser um grande refugio e ajudar alunos com diversos outros problemas de cariz psicológico ou de inadaptação à vida social escolar como por exemplo problemas graves de *bullying* e que não se sintam bem na sua escola e que por isso tenham tendência a ficar desmotivados e a desistir.

Conclusão

De uma forma geral concluo esta investigação com um sentimento positivo em relação a este tema. É certo que ainda há muito trabalho para fazer no que diz respeito ao sistema educativo português em geral, mas é bom perceber que hoje, em 2018 estão a ser feitos alguns esforços para que a vida dos nossos estudantes melhore.

Com uma pequena conversa informal com estes atletas é fácil perceber que muitos estão desmotivados, e alguns mesmo com a sua própria modalidade que não tem fundos para ajudar os atletas como devia. Muitos dos atletas afirmam não ter as condições ideais para a prática de desporto a um nível de alta competição e que a falta de recursos financeiros, materiais e humanos os impede muitas vezes de obter melhores resultados resultando também por vezes na sua desmotivação.

Ao jornal *online* Tribuna Expresso em 2017, o presidente do comitê olímpico português (desde 2013 no cargo), referiu que os nossos atletas muitas vezes não obtêm as classificações desejadas devido ao “insuficiente grau de desenvolvimento que o país tem no plano desportivo”. Comprova também a falta do apoio psicológico que é fundamental no sentido de otimizar as performances desportivas “nós somos muito carentes de recursos humanos qualificados para o alto rendimento”. Refere também a falta de médicos especialistas na medicina do desporto e que os que existem são muitas vezes acantonados no futebol.

José Manuel Constantino diz também que os recursos financeiros para os jogos olímpicos existiram, no entanto “onde eles não foram suficientes foi no âmbito do apoio ao alto rendimento e às federações”.

Desta forma, existe trabalho a ser feito em ambos os setores, tanto desportivo como educativo, mas esta conciliação é possível se as diferentes instituições encararem estes jovens (enquanto atletas) como futuros campeões assim que mostram interesse na modalidade e potencial para tal mesmo enquanto muito jovens e não apenas financiar\ajudar os atletas quando estes mostram os resultados de elite. Cada modalidade é independente e cada modalidade tem o seu pico de *performance* em idades diferentes enquanto um atleta de atletismo por exemplo pode ter o seu pico de rendimento numa idade adulta, um ginasta por exemplo atinge esse pico bem mais cedo entre os dezasseis e os dezanove anos nos atletas de elite.

Esta conciliação é possível se forem criadas medidas extra onde possam estar envolvidas as tecnologias educativas que já estão tão presentes vidas destes jovens e ainda se forem colocadas em prática as medidas regulamentadas, dando cumprimento ao que está legislado para estes alunos-atletas, ajudando-os, assim, na sua formação académica (Dias, 2013).

Como referido anteriormente nesta investigação, segundo Brandão (2000), um atleta passa por várias transições ao longo da sua carreira desportiva, desde de que inicia a modalidade com um carácter de “brincadeira” até à subida de escalões e à profissionalização. Estes jovens, como pudemos comprovar nesta investigação, iniciam este desporto com quatro, cinco, seis anos e passam por treinos intensos por imensas conquistas, mas também imensas derrotas o que exige a busca pela autonomia pessoal durante a carreira e a consciência de formas de investimento, reinvestimento e desinvestimento, dentro e/ou fora da área desportiva.

Estes jovens aprendem rapidamente o significado da palavra competição, sendo uma grande parte destes desportos de cariz individual, estes jovens lidam diariamente com o facto de terem que competir com colegas, com amigos o que exige naturalmente um crescimento pessoal, mas que deve ser acompanhado a nível psicológico e que raramente acontece.

A psicologia escolar também devia ter um papel fundamental na vida destes jovens, é certo que esta presença nas escolas não é tão recorrente como seria o ideal e quando estão nas escolas não têm a liberdade desejada para trabalhar com os alunos de forma independente. Vianna (2016), relata que a atuação do profissional de psicologia no ambiente escolar, nos dias atuais permanece marcada por dificuldades, em relação ao fazer a prática. Muitos psicólogos/psicólogas ainda sentem certo bloqueio ao sair do modelo tradicional clínico, centrado no psicodiagnóstico.

Atualmente o trabalho do psicólogo escolar é utilizando os seus conhecimentos teóricos e práticos procurar a promoção de cidadania, diminuindo o distanciamento entre a família, a escola e a sociedade reforçando estratégias para que haja a participação dos pais na vida dos alunos, esta é uma das maiores lacunas nas nossas escolas, a ponte entre a instituição e os encarregados de educação dos alunos (Pereira, 2008).

No que diz respeito ao sucesso escolar, os jovens questionados mostraram resultados na sua maioria positivos, apenas um atleta respondeu que as suas notas estavam negativas (mais

do que duas negativas) o que fez com que reprovasse o ano, mas os restantes obtiveram aprovação. Foram oito os alunos que responderam ter até duas negativas e a restante maioria afirmou não ter nenhuma negativa. Assim, ainda que para Vaz (2017) o conceito de sucesso possa ser subjetivo dependendo do contexto e das metas estabelecidas pelos indivíduos o balanço geral das notas destes jovens é positivo.

Nem as nossas escolas estão preparadas de forma adequada nem os encarregados de educação estão preparados com as ferramentas necessárias para ajudarem os alunos. Talvez um passo importante seria as escolas procurarem um maior envolvimento dos encarregados de educação no processo de formação dos alunos. O caso dos alunos atletas é um bom exemplo onde sem dúvida que os alunos beneficiariam de uma ajuda extra, porque muitas vezes os pais até querem ajudar, mas na verdade não sabem como.

1. Limitações da Investigação

Considero os objetivos deste estudo cumpridos sendo que foi possível obter respostas sobre o seu percurso académico desportivo e foi possível entender de que forma as tecnologias estão presentes na vida destes jovens. Ainda assim importa igualmente assinalar as limitações deste estudo.

Uma vez que não correspondia diretamente aos objetivos do estudo não foi possível obter respostas no que diz respeito às ideias destes jovens no sentido de quererem ou não prosseguir os estudos a um nível superior. Da mesma forma também não foi possível adquirir uma resposta direta destes participantes que diga que se sentem desamparados no que diz respeito à ajuda que recebem e se estavam dispostos a experimentar outras modalidades escolares. Desta forma, ainda que os resultados obtidos com estas respostas tenham mostrado que a maioria destes alunos-atleta estão com um aproveitamento positivo na escola, não é possível comprovar na prática como é que estes alunos obtiveram estes resultados. Numa futura investigação seria importante aprofundar um pouco mais o tema de forma a compreender melhor que tipo de ajuda na prática os professores dão a estes alunos, perceber de que forma os seus colegas podem também ser uma mais valia no seu percurso académico. Um futuro estudo podia ainda procurar saber de que forma os encarregados de educação preveem o futuro destes alunos-atleta e como os ajudam a conciliação destes dois mundos.

Foram algumas as questões que ficaram por responder e um estudo mais aprofundado com métodos de recolha de dados mais invasivo e pessoal, ao longo de um período de tempo para entender melhor a realidade destes jovens e quais são na prática as suas maiores necessidades de uma forma fundamentada e não apenas especulativa.

Referências bibliográficas

- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação: um guia prático e crítico*. Porto: Asa.
- Afonso, A. (1988) *Insucesso, socialização escolar e comportamentos divergentes: uma abordagem introdutória*. Revista Portuguesa de Educação, Vol.1, nº2 (41-52).
- Almeida, J. & Pinto, J. (1995). *A Investigação nas Ciências Sociais*. 5a edição Lisboa: Editorial Presença.
- Alves, F. (2002). *Desporto, saúde e educação. Pode o movimento associativo alhear-se dos grandes desígnios do desenvolvimento nacional?* In. A. Marques (Ed.), *Alta competição – uma cultura de exigência* (pp. 117-146). Algés: Confederação do Desporto de Portugal.
- Bailey, R. (2005). *Evaluating the relationship between physical education, sport and social inclusion*. Educ Rev, 57, 71-90.
- Bailey, R. (2006). *Physical Education and Sport in Schools: A Review of Benefits and Outcomes*. Journal of School Health, 76, 397-401.
- Bailey, R. (2009). *The educational benefits claimed for physical education and school sport*. Res Pap Educ, 24, 1-26.
- Barber, B.; Eccles, J. & Stone, M. (2001). *Whatever happened to the jock, the brain, and the princess? Young adult pathways linked to adolescent activity involvement and social identity*. J Adolesc Res, 16, 429-455.
- Benavente, A. (1990) *Insucesso escolar no contexto português: abordagens, conceções e políticas*. In *Análise Social, Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, Vol. 25, nº108/109, pp.715-733
- Bento, J. (1993). *Acerca da necessidade de revitalizar o lema do “desporto para todos”*. In J. Bento & A. Marques (Eds.), *A Ciência do Desporto, A Cultura e o Homem* (pp.113-121). Porto: FCPEF-UP.
- Bell, J. (1997). *Como Realizar um Projeto de Investigação*. 3a edição. Lisboa: Gradiva.

- Belloni, M. L. (2006). *Educação a Distância*. 4 Ed. São Paulo: Autores Associados
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação - Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora
- Bordenave, J. (1987). *Opções pedagógicas. Ação participativa: capacitação de pessoal*. Brasília: Centro de Documentação do Ministério da Saúde.
- Brandão, M. e col. (2000). *Causas e consequências da transição de carreira desportiva: uma revisão de literatura*, in Revista Brasileira Ciência e Movimento, 8 (1), pp. 48-58.
- Brettschneider, W. (1999). *Risks and Opportunities: Adolescents in Top-Level Sport & Growing Up with the Pressures of School and Training*. Universitat Paderborn, Germany.
- Brewer, B. (1998). *Athletic Identity Revisited: A Five-Year Update*. Comunicação apresentada no II Encontro Internacional de Psicologia Aplicada ao Desporto e Exercício. Universidade do Minho, Braga, de 25 a 28 junho.
- Brito, A. (2001). *Psicologia do Desporto*. Edições Omniserviços.
- Brito R. & Pinheiro V. (2014). *Práticas de Atividade Física e Desportiva em Creche*. Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto (pp. 82-86).
- Calvo, A. (2001). *Desporto para Deficientes e Média. Análise evolutiva do tratamento mediático dos Jogos Paraolímpicos em quatro períodos nacionais (1988/1992/1996)*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Porto, Portugal.
- Campbell, S. (1998). *A função do treinador no desenvolvimento do jovem atleta*. Revista Treino Desportivo, Lisboa, n.3, p.31-9.
- Carneiro, R. (1997). *As portas do terceiro milénio*. In O desporto no século XXI: os novos desafios (pp.11-23). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação. Guia para autoaprendizagem*. Universidade Aberta. Lisboa.

Carlson, T. & Hastie, P. (1997). *The student social system within sport education*. J Teach Phys Educ, 16, 176-195.

Carvalho, M. (1994). *Desporto e autarquias locais*. Porto: Campo das Letras.

Carvalho, M. (2000). *O apoio material à prática desportiva de alta competição: da lei à realidade*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Porto, Portugal.

Carvalho, M. (2002). *A Inserção da alta competição nos programas dos governos constitucionais em Portugal e o seu enquadramento normativo*. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, 2(4), 72-78.

Carvalho, M. (2004). *A alta competição e a lei: que relação?* In Artur Teodoro de Matos et al. (Coord.). Povos e Culturas - nº9, Cultura e Desporto (pp. 317- 334). Lisboa: CEPCEP – Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa.

Castro, C. (1976). *Estrutura e apresentação de publicações científicas*. São Paulo: McGraw-Hill.

Castro, M. (2012). *O percurso escolar de jovens atletas de alto rendimento: constrangimentos e oportunidades – Estudo centrado em atletas de desportos coletivos inseridos num centro alto rendimento*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

Coakley, J. (1993). *Sport and socialization*. Exerc Sport Sci Rev, 21 (1993), pp. 169-200

Cohen, L. & Manion, L. (1980). *Research Methods in Education*. London: Croom Helm Ltd.

Cortesão, L. & Torres, M. (1990) *Avaliação Pedagógica I Insucesso Escolar*, 4ª ed., Col. Ser Professor, Porto: Porto Editora.

Costa, A. (2007). *Prática Desportiva e Rendimento Académico-Um Estudo com Alunos do Ensino Secundário*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia. Coimbra: Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

Costa, V. & Serôdio-Fernandes, A. & Maia, M. (2009). *Hábitos desportivos dos jovens do interior norte e litoral norte de Portugal*. Revista portuguesa de ciências do desporto.

Crosnoe, R. (2001). *The social world of male and female athletes in high school*. Sociol Stud Child Youth, 8, pp. 89-110.

Dias, N. (2013). *O percurso desportivo de atletas de alta competição no atletismo – Conciliação entre sucesso desportivo e sucesso escolar*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

Erickson, D. (2004). *Molding young Athletes: How parents and coaches can positively influence kids in sports*. Oregon, Wisconsin: Purington Press.

Esteves, J. (1999). *O desporto e as estruturas sociais – um ensaio sobre a interpretação do fenómeno desportivo*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, lda.

Ferreira, J. (2001). *Um estudo exploratório sobre Atração de Clientes através do Content Marketing no Facebook*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, Instituto Politécnico do Porto, Portugal.

Garcia, R. (1997). *Contributo para a legislação de um discurso ecológico no desporto: a cultura*. In Revista Horizonte, vol. XIII, n.º 75, pp. 15-23.

Garcia, R. (2005). *Antropologia do desporto: o reencontro com Hermes*. Revista Povos e culturas. Cultura e desporto, 9 (205-224).

Garcia, R. (1995). *Reflexão sobre Ética no desporto para crianças e jovens*. In Horizonte Revista. vol. XI, n.º 66, pp 221-227. 22.

Godoy, A. (1995). *A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas*. Revista de administração de empresas. EAESP. FGV, São Paulo, Brasil.

Hargreaves, A. (1998). *Os Professores em Tempo de Mudança: O trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna*. Lisboa: Mc Graw-Hill

Lakatos, E. & Marconi, M. (2001). *Fundamentos metodologia científica*. 4.ed. São paulo: atlas.

Lakatos, E. & Marconi, M. (1992). *Metodologia do trabalho científico*. 4.ed. São paulo: atlas.

Landim, C. (1997). *Educação a distância: algumas considerações*. Rio de Janeiro: [s.n.].

Langouët, G. (2000). *Les jeunes et les médias: L'état de l'enfance en France*. Paris: Hachette Livre 2000.

Lima, J. (2002). *Desporto de alta competição: uma cultura de exigência*. In A. Marques (Ed.), *Alta competição – uma cultura de exigência*. (pp. 9-36). Algés: Confederação do Desporto de Portugal.

Lima, T. (1974). *O desporto e o seu universo*. In *Cultura e Desporto, n°18*. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Estado dos Desportos e Acção Social Escolar. Direcção Geral dos Desportos.

Lima, T. (1987). *Alcance educativo da competição*. (Coleção Desporto e Sociedade: antologia de textos; 54). Lisboa: Ministério da Educação e Cultura, Direcção Geral dos Desportos.

Lima, T. (1997). *Significados sociais do desporto de alta competição*. In *O Desporto no século XXI: Os novos desafios (73-77)*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

Lima, T. (1998). *Educação física e desporto*. Lisboa: Edição livros Horizonte.

Ludke, M. & André, M. (1986). *Pesquisa em Educação – Abordagens Qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

Maia, C. & Mattar, J. (2007). *ABC da EAD: a educação a distância hoje*. São Paulo: Pearson Prentice Hall.

Marivoet, S. (1998). *Aspetos sociológicos do desporto*. Lisboa: livros Horizonte.

Martins, C. (2006). *Fatores e Análise do Insucesso Escolar. Gestão e Planeamento da Educação*. Porto: Instituto Superior de Educação.

Martins, H. (2017). *Insucesso Escolar - Prevenção e Intervenção na Educação Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de mestrado. Escola Superior de Educação Paula Frassinetti. Porto, Portugal.

Matias, T. (2013). *Educação não formal: a importância das salas de estudo*. Escola Superior de Educação João de Deus.

Medeiros, M. (1993). *Insucesso Escolar e a Clínica do Desenvolvimento: Uma Contribuição Psicossocial do Insucesso Escolar no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação, Universidade dos Açores, Ponta Delgada.

Melo, P. (2002). *A cooperação universidade/empresa nas universidades públicas brasileiras*. Tese de doutorado – Departamento de Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

Mendonça, A. (2007). *A problemática do Insucesso Escolar – A Escolaridade Obrigatória no Arquipélago da Madeira em finais do Século XX (1994-2000)*. Tese de Doutoramento em Educação, especialidade de Sociologia da Educação apresentada à Universidade da Madeira, Funchal: Universidade da Madeira.

Mendonça, A. (2009) *O Insucesso Escolar: Políticas Educativas e Práticas Sociais-Um estudo de caso sobre o Arquipélago da Madeira*, Lisboa: Edições Pedagogo.

Moore, M. (1991). *Distance Education Theory. The American Journal of Distance Education*, v.3, n. 3.

Moore, M. & Kearsley, G. (2007). *Educação a distância: uma visão integrada*. Tradução Roberto Galman. São Paulo: Thomson Learning.

Moran, J.; Massetto, M. & Behrens M. (2012). *Novas tecnologias e mediações pedagógicas*. Campinas, SP. Papirus.

Neto, C. (1994). *Desporto infantil: A criança e a atividade desportiva*. Revista Horizonte, 10(60), 203-206

Papert, S. (1997). *A família em rede: ultrapassando a barreira digital entre gerações*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

Pataco, V. (1997). *Alta competição em Portugal: passado, presente e futuro*. Revista Horizonte, 14(79), 3-10.

Pereira, M. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Universidade de Málaga.

Pérez, P. & Aguilar, D. (2012). *Armonización entre proceso de aprendizaje y práctica deportiva en universitarios deportistas de alto nivel*. Revista Cultura, Ciência y Deporte 21, 201 – 212.

Pires, E. (1988). *A Massificação Escolar* in Revista Portuguesa de Educação, nº 1, Lisboa, pp. 27-43.

Ponte, J. (1997). *O conhecimento profissional dos professores de matemática (Relatório final de Projecto “O saber dos professores: Concepções e práticas”)*. Lisboa: DEFCUL.

Oliveira, Z. (2011). *Educação Infantil: fundamentos e métodos*. 7ªed. São Paulo; Cortez.

Santos, J. (1992). *O que é a comunicação*. Lisboa: Difusão Cultural.

Santos, A. (2014). *Crenças e Concepções de Dificuldade em Atletas de Alto Rendimento: estudo exploratório em contexto escolar e desportivo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Saunders, M. (2012). Choosing research participants. In G. Symon, & C. Cassell (Eds.), *The practice of qualitative organizational research: Core methods and current challenges* (pp. 37-55). London, England: Sage.

Saunders, M.; Lewis, P. & Thornhill, A. (2012). *Research methods for business students* (6th ended.) Harlow, England: Pearson Education.

Sérgio, M. (2012). *Critica da Razão Desportiva*. Editor: Instituto Piaget

Sérgio, M. (2013). *As Lições do Professor Manuel Sérgio*. Editor: Prime Books

Siedentop, D. (1994). Introduction to sport education. In: Siedentop D, editor. Sport education: quality PE through positive sport experiences. Champaign: Human Kinetics p.3-16.

Silva, Á. (2004). *Ensinar e aprender com as Tecnologias - Um estudo sobre as atitudes, formação, condições de equipamento e utilização nas escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico do Concelho de Cabeceiras de Basto* – Dissertação de mestrado, Universidade do Minho.

Soares, J.; Antunes, H. & Aguiar, C. (2011). Prática desportiva e sucesso escolar de moças e rapazes no ensino secundário. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*.

Sousa, A. (2012). *O papel e uso social das casas do Benfica para o seu desenvolvimento enquanto organização desportiva*. Tese de Doutoramento em Educação. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Sylva, K. (1994). *School influences on children's development*. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 35(1), 135-170.

Tokila, T. (2002). Combining competitive sports and education: how top-level sport became part of school system in the Soviet Union, *European Physical Education Review*, 8 (3), 196-206.

Vaz, J. (2017). *Sucesso/Insucesso Escolar nos Jovens Imigrantes e Descendentes de Imigrantes Cabo verdeanos no 3º Ciclo do Ensino Básico no Vale da Amoreira: Um Estudo de Caso de quatro alunos*. Dissertação de Mestrado em Educação e Sociedade ISCTE-IUL- Instituto Universitário de Lisboa.

Viana, M. (2016). *Psicologia escolar: que fazer é esse?* Conselho Federal de Psicologia- Brasília – CFP.

Zenha, V.; Resende, R., & Gomes, A. (2009). *Desporto de alto rendimento e sucesso escolar: Análise e estudo de factores influentes no seu êxito*. In J. Fernández, G. Torres, & A. Montero, (Eds.), *II Congresso Internacional de Deportes de Equipo* (pp. 1-10). Corunha: Editorial y Centro de Formación Alto Rendimiento.

Legislação consultada

Lei de Bases do Sistema Desportivo, Lei n.º 1/90 de 13 de janeiro

<https://dre.pt/pesquisa/-/search/333524/details/maximized>

Lei de Bases do Desporto Lei n.º 30/2004, de 21 de julho

http://www.idesporto.pt/ficheiros/file/Lei_30_2004.pdf

Lei de Bases da Atividade Física e do Desporto Lei n.º 5/2007, de 16 de janeiro

http://www.idesporto.pt/ficheiros/file/Lei_5_2007.pdf

Decreto-lei 553/77, de 31 de dezembro

<https://dre.tretas.org/dre/13846/decreto-lei-553-77-de-31-de-dezembro>

Decreto-lei 290/81, de 14 de outubro

<https://dre.tretas.org/dre/6552/decreto-lei-290-81-de-14-de-outubro>

Decreto-Lei n.º 344/81, de 19 de dezembro

<https://dre.pt/pesquisa/-/search/567041/details/maximized?filterEnd=1981-12-31&sort=whenSearchable&filterStart=1981-01-01&sortOrder=DESC&q=1981&fq=1981&perPage=100>

Decreto-Lei n.º 146/93 de 26 de abril

<http://www.idesporto.pt/DATA/DOCS/LEGISLACAO/doc111.pdf>

Decreto-Lei n.º 125/95 de 31 de maio

<http://www.idesporto.pt/DATA/DOCS/LEGISLACAO/doc100.pdf>

Decreto-lei 64/97, de 26 de março

<https://dre.tretas.org/dre/80411/decreto-lei-64-97-de-26-de-marco>

Decreto-Lei n.º 393-A/99 de 2 de outubro

<http://www.ipv.pt/secretaria/dl393a99.pdf>

Decreto-Lei n.º 272/2001, de 13 de outubro

http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=581&tabela=leis&so_miolo

Decreto-Lei n.º 10/2009, de 12 de janeiro

http://www.idesporto.pt/ficheiros/file/DL_10_2009.pdf

Decreto-Lei n.º 272/2009, de 1 de outubro

<https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/490957/details/maximized>

Decreto-Lei n.º 45/2013, de 5 de abril

<https://dre.pt/pesquisa/-/search/259964/details/maximized>

Despacho n.º 9386-A/2016, de 21 de julho

https://dre.pt/home/-/dre/75007379/details/maximized?p_auth=Yo06qmk1&serie=II&parte_filter=31&day=2016-07-21&date=2016-07-01&dreId=75007377

Decreto-Lei n.º 63/2016, de 13 de setembro

https://dre.pt/home/-/dre/75319452/details/maximized?p_auth=0xVgXbzq

Portaria 730/80, de 26 de setembro

<https://dre.tretas.org/dre/35810/portaria-730-80-de-26-de-setembro>

Portaria 1015/81, de 25 de novembro

<https://dre.tretas.org/dre/35655/portaria-1015-81-de-25-de-novembro>

Portaria 809/84, de 15 de outubro

<https://dre.tretas.org/dre/50174/portaria-809-84-de-15-de-outubro>

Portaria 737/91, de 1 de agosto

<https://dre.tretas.org/dre/28814/portaria-737-91-de-1-de-agosto>

Portaria n.º 738/91, de 1 de agosto

<https://dre.pt/pesquisa/-/search/686859/details/maximized>

Portaria n.º 740/91, de 1 de agosto

<https://dre.pt/web/guest/pesquisa-avancada/-/asearch/686856/details/normal?types=SERIEI&numero=740%2F91&tipo=%22Portaria%22>

Portaria n.º 947/95 de 1 de agosto

<http://www.idesporto.pt/DATA/DOCS/LEGISLACAO/doc101.pdf>

Portaria n.º 953/95, de 4 de agosto

<https://dre.pt/pesquisa/-/search/481279/details/maximized>

Portaria 317-B/96, de 29 de julho

<https://dre.tretas.org/dre/76393/portaria-317-B-96-de-29-de-julho>

Portaria n.º 393/97, de 17 de junho

https://dre.pt/web/guest/pesquisa-avancada/-/asearch/366673/details/maximized?p_auth=3qc5HZKG&types=SERIEI&search=Pesquisar&numero=393%2F97

Portaria n.º 205/98 de 28 de março

http://www.idesporto.pt/ficheiros/file/Portaria_205_1998.pdf

Portaria n.º 211/98 de 3 de abril

http://www.idesporto.pt/ficheiros/file/Portaria_211_1998.pdf

Portaria n.º 392/98 de 11 de julho

<http://www.idesporto.pt/DATA/DOCS/LEGISLACAO/doc115.pdf>

Portaria n.º 854-B/99. de 4 de outubro

<https://dre.pt/pesquisa/-/search/281836/details/maximized>

Sítios consultados

Debroy, A. (2017) Countries Which are Leading the Way in Online Education.

Disponível em: <http://edtechreview.in/e-learning/3028-countries-leading-in-online-education>.

Acesso em 8 de outubro de 2018

Direção-Geral de Educação. (s.d.). Unidade de Apoio ao Alto Rendimento na Escola.

Disponível em: <http://desportoescolar.dge.mec.pt/unidade-de-apoio-ao-alto-rendimento-na-escola>

Acesso em 27 de agosto de 2018

Hartmann, D. (2008) High school sports participation and educational attainment: recognizing assessing, and utilizing the relationship [Report to the LA84 Foundation] University of Minnesota, Department of Sociology.

Disponível em: <http://www.la84foundation.org/3ce/HighSchoolSportsParticipation.pdf>.

Acesso em 10 de agosto de 2018.

Neto, A. (2003). Comunicação e Interação em Ambientes de Aprendizagem Presenciais e Virtuais.

Disponível:

[https://repositoral.cuaed.unam.mx:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/2982/2-br-](https://repositoral.cuaed.unam.mx:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/2982/2-br-Antonio%20Sim%C3%A3o%20Neto.pdf?sequence=1&isAllowed=y)

[Antonio%20Sim%C3%A3o%20Neto.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositoral.cuaed.unam.mx:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/2982/2-br-Antonio%20Sim%C3%A3o%20Neto.pdf?sequence=1&isAllowed=y)

Acesso em 17 de agosto de 2018.

Medina, V. (2016) 10 benefícios da internet para as crianças.

Disponível em: <https://br.guiainfantil.com/materias/educacao/internet/10-beneficios-da-internet-para-as-criancas/>

Acesso em 8 de outubro de 2018

Mendonça, Alice (2007). Sucesso/Insucesso: Percursos da Organização Escolar.

Disponível em: <https://www3.uma.pt/alicemendonca/conteudo/publica/SucessoInsucesso.pdf>

Acesso em 5 de julho de 2018

Meyer, C. (2007). Educação e esporte: a combinação perfeita.

Disponível em: <http://pt.shvoong.com/humanities/1639041-educa%C3%A7%C3%A3o-esporte-combina%C3%A7%C3%A3o-perfeita/>

Acesso em 12 de dezembro de 2017

Montgomery, C. (2016). Complete List of 100+ Free Online High Schools.

Disponível em: <https://blog.prepscholar.com/free-online-high-schools>

Acesso em 8 de outubro de 2018

Ochoa C. (2015). Amostragem Não-Probabilística: amostra por conveniência.

Disponível em: <http://www.netquest.com/blog/br/amostra-conveniencia/>

Acesso em: 20 novembro 2018.

Osorno, S. (2017), How Online School Can Benefit Young Athletes.

Disponível em: <https://blog.connectionsacademy.com/how-online-school-can-benefit-young-athletes/>

Acesso em 8 de outubro de 2018

Rodrigues, S. (2012). O impacto das redes sociais no relacionamento entre marcas e consumidores.

Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/5082>

Acesso em 6 de Agosto de 2018

Anexos

1. Formulário do questionário

Questionário atletas

Ao preencher este questionário aceita que todas as informações aqui por si partilhadas sejam utilizadas apenas para motivos de investigação estatística.

O questionário abaixo é composto por questões na sua maioria de escolha múltipla. Selecione apenas uma das opções a não ser nos casos em que a questão peça o contrário.

A resposta a estas questões não deverá demorar mais do que 15 minutos.

Todas as perguntas são referentes aos atletas que frequentam ainda a escolaridade obrigatória.

Dimensão Pessoal

1. Indique a sua idade:

1.1. 10 – 13

1.2. 14 – 17

1.3. Mais de 18

2. Género:

2.1. Feminino;

2.2. Masculino

3. Onde reside:

3.1.1. Na casa dos seus pais ou familiares

3.1.2. Em quarto ou casa alugada

3.1.3. No alojamento do clube

3.1.4. Outro

Dimensão Desportiva

4. Que modalidade pratica:
5. Em qual escalão\categoria se insere:
6. Onde treina (Clube) _____
7. Com que idade começou a treinar num clube vinculado à federação? (federado)

8. Em média por dia quantas horas treina?
 - 8.1. Menos que 2
 - 8.2. 3 – 5
 - 8.3. 6 – 8
 - 8.4. Mais que 8
9. Em média quantas vezes viaja nacionalmente por mês para competir?
 - 9.1. 0-2
 - 9.2. 3-5
 - 9.3. Mais que 5
10. Em média quantas vezes viaja internacionalmente por mês para competir?
 - 10.1. 0-2
 - 10.2. 3-5
 - 10.3. Mais que 5
11. Quando, por motivos desportivos falta às aulas, a escola ou os professores:
(pode seleccionar mais do que uma opção)
 - 11.1. Justificam as faltas;

11.2. Possibilitam a realização de testes em alturas diferentes;

11.3. Dão aulas extra;

11.4. Ajudam de uma outra forma

12. Em média:

12.1. Indique o seu horário de acordar_____

12.2. Indique o seu horário de começo e fim de aulas_____

12.3. Indique o seu horário de início e fim de treino_____

12.4. Indique o seu horário de deitar_____

13. Já interrompeu os estudos por motivos desportivos?

13.1. Sim

13.2. Não

Dimensão Escolar

14. Atualmente está a estudar?

14.1. Não

14.1.1. (Se Não) Qual foi o último ano que concluiu? _____

14.1.2. Sim

14.2. Que escola frequenta? _____

14.3. Que nível de ensino frequenta? _____

14.3.1. Quantas faltas teve nos últimos dois meses?

14.3.1.1. 0-5

14.3.1.2. 6-10

14.3.1.3. Mais de 10

14.3.2. **Com que frequência utiliza a Internet para fazer os trabalhos de casa por semana?**

14.3.2.1. 0-5

14.3.2.2. 6-10

14.3.2.3. Mais de 10

14.3.3. **Com que frequência utiliza a Internet para estudar ou fazer um trabalho da escola por semana?**

14.3.3.1. 0-5

14.3.3.2. 6-10

14.3.3.3. Mais de 10

14.3.4. **Com que frequência utiliza um computador para efeitos escolares por semana?**

14.3.4.1. 0 - 5

14.3.4.2. 6 - 10

14.3.4.3. Mais de 10

14.3.5. **Quantas horas em média por semana dedica ao estudo por semana?**

14.3.5.1. 0-5

14.3.5.2. 6-10

14.3.5.3. Mais de 10

14.3.6. **De zero a dez como classifica a sua escola em relação à organização? ____**

14.3.7. **De zero a dez como classifica a sua escola em relação à ajuda aos alunos em diferentes situações: ____**

14.3.8. **Que tipo de escola frequenta:**

14.3.9. Publica

14.3.10. Privada

15. Já repetiu algum ano?

- 15.1. 1 vez
- 15.2. 2 vezes
- 15.3. 3 vezes
- 15.4. 4 vezes
- 15.5. __ vezes
- 15.6. Nunca

16. Com que frequência usa o computador por semana?

- 16.1.1.1. 0-5
- 16.1.1.2. 6-10
- 16.1.1.3. Mais de 10

17. Com que frequência usa o YouTube por semana?

- 17.1.1.1. 0 - 5
- 17.1.1.2. 6 - 10
- 17.1.1.3. Mais de 10

18. Com que frequência utiliza a Internet para pesquisas por lazer?

- 18.1.1.1. 0 - 5
- 18.1.1.2. 6 - 10
- 18.1.1.3. Mais de 10

19. Com que frequência vê televisão por semana?

- 19.1.1.1. 0 - 5
- 19.1.1.2. 6 - 10
- 19.1.1.3. Mais de 10

20. Com que frequência vai ao cinema por mês?

- 20.1.1.1. 0 - 5
- 20.1.1.2. 6 - 10

20.1.1.3. Mais de 10

21. Com que frequência lê por lazer por mês?

21.1.1.1. 0 - 5

21.1.1.2. 6 - 10

21.1.1.3. Mais de 10

22. Que redes sociais utiliza com mais frequência?

22.1. Twitter

22.2. Facebook

22.3. Instagram

22.4. Youtube

22.5. WhatsApp

22.6. Tumblr

22.7. Outra ____

23. Quais destes dispositivos móveis possui?

23.1. Telemóvel\Smartphone

23.2. Tablet

23.3. Mp3\Mp4

23.4. Computador Portátil

24. Que redes sociais ou ferramentas auxiliam na realização de trabalhos de grupo?

24.1. Email

24.2. Facebook

24.3. Messenger

24.4. Telemóvel

24.5. Computador

24.6. Youtube

24.7. Outra _____

25. Tem pacote de dados e ligação permanente à internet?

25.1. Sim

25.2. Não

26. Considera que é possível aprender uma língua através de um dispositivo móvel?

26.1. Sim

26.2. Não

27. Indique que funções usa para aprender através de um dispositivo móvel

27.1. Ver vídeos no youtube

27.2. Fazer pesquisas na internet

27.3. Ver podcasts

27.4. Ver filmes e ou televisão

27.5. Outro _____

28. Os seus professores mostraram disponibilidade para esclarecer dúvidas através de email ou videoconferência?

28.1. Sim

28.2. Não sei

28.3. Não

29. Como estão as suas notas em geral neste momento?

29.1. Positivas

29.2. Suficientes

29.3. Negativas

30. Com uma frase curta indique o que significa para si estas palavras

30.1. Treinar

30.2. Competir

30.3. Ir à escola

30.4. Estudar

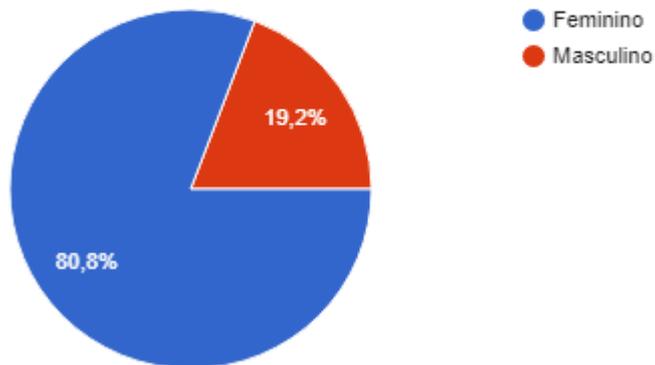
30.5. Tecnologias digitais

Obrigada pela participação!

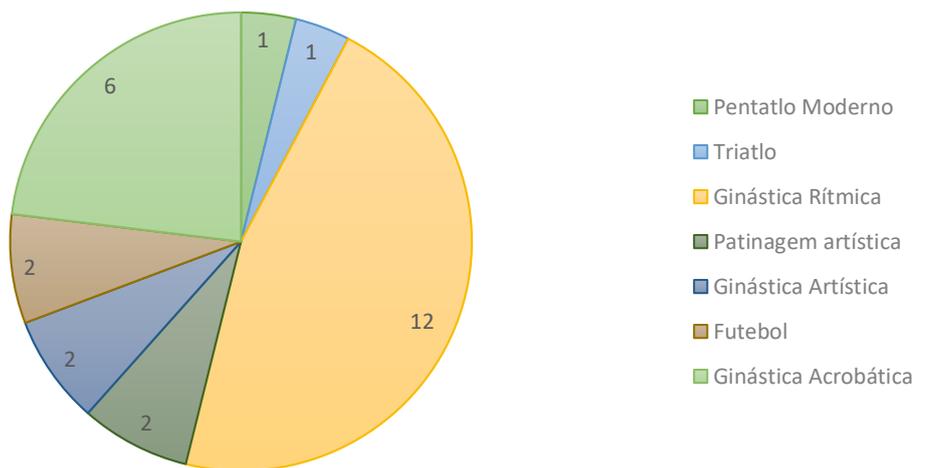
2. Respostas não utilizadas integralmente na análise dos dados

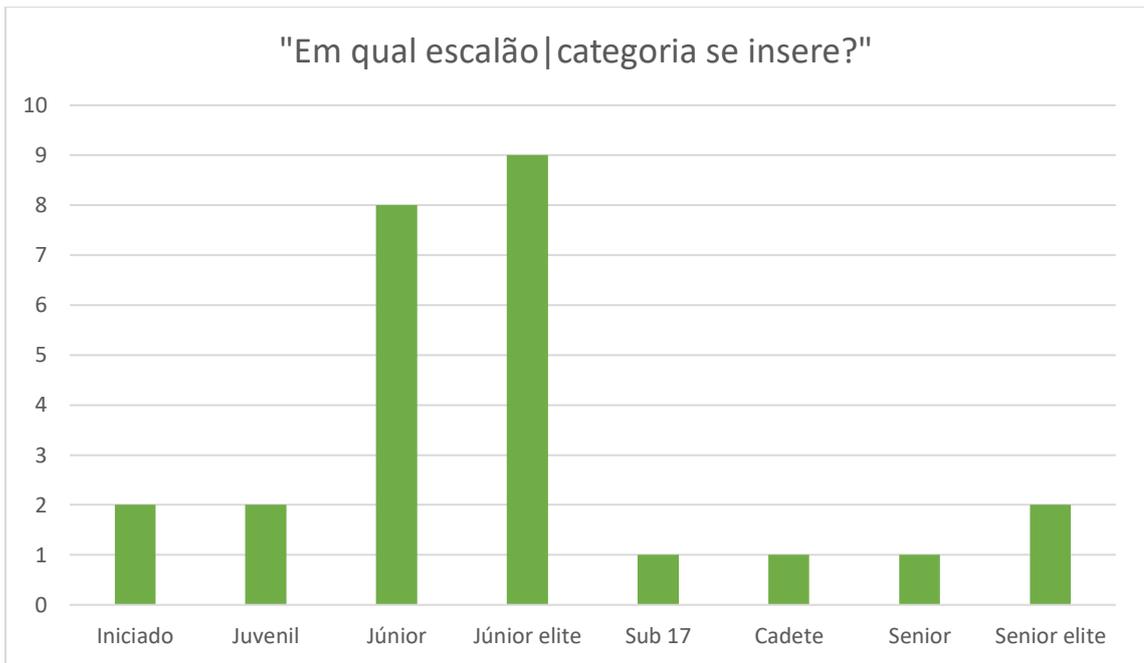
Gênero

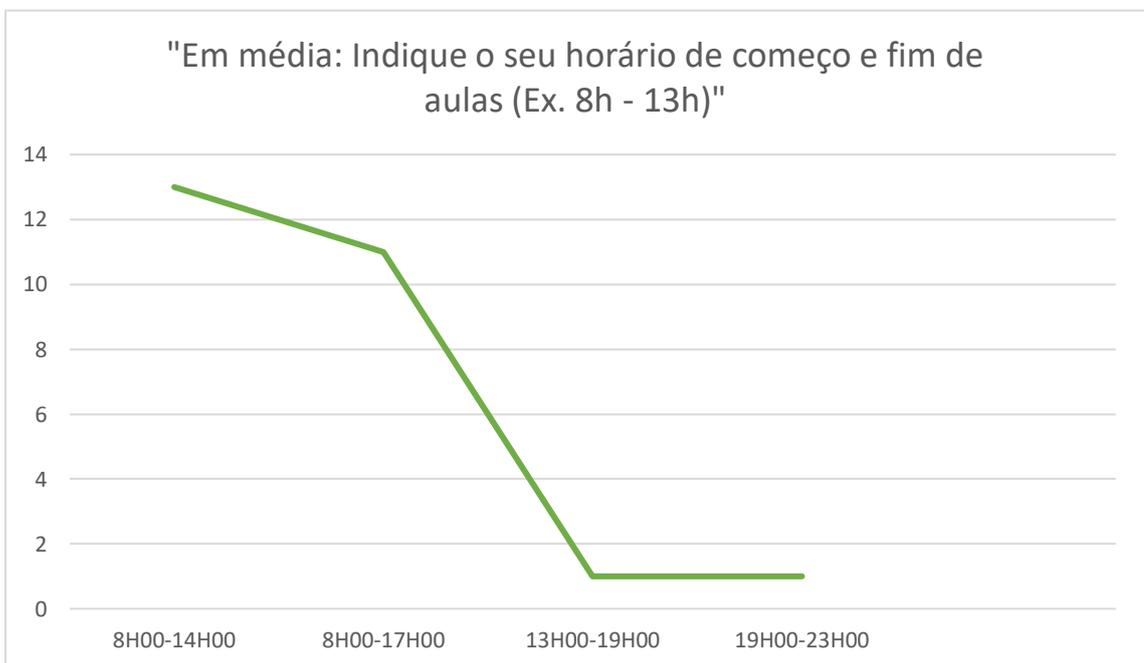
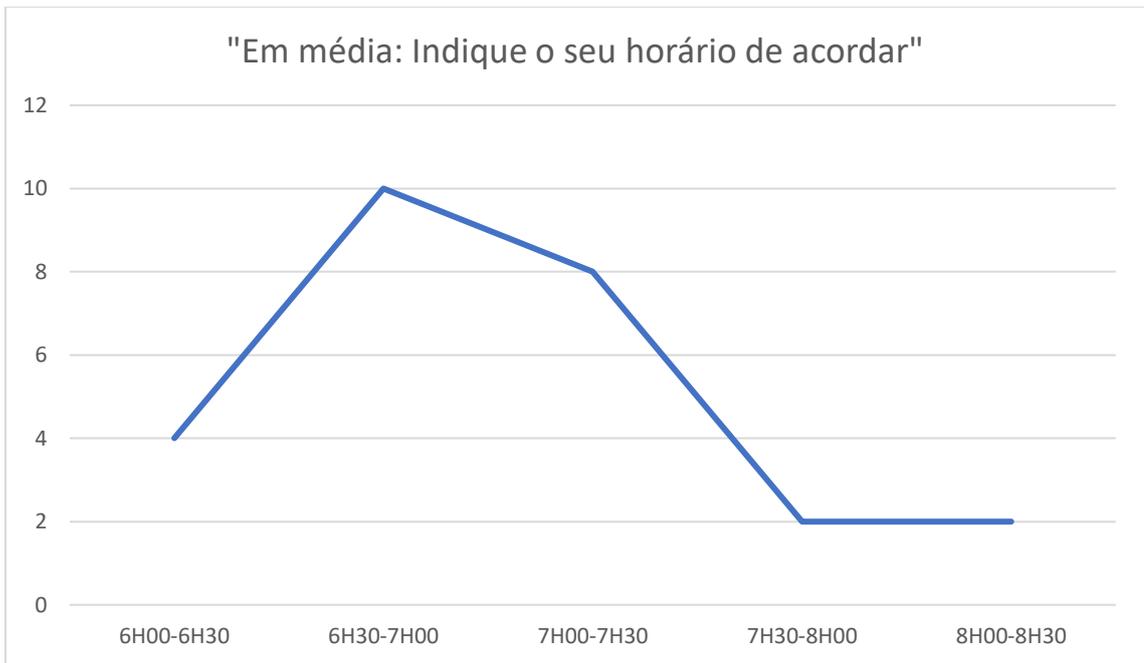
26 respostas

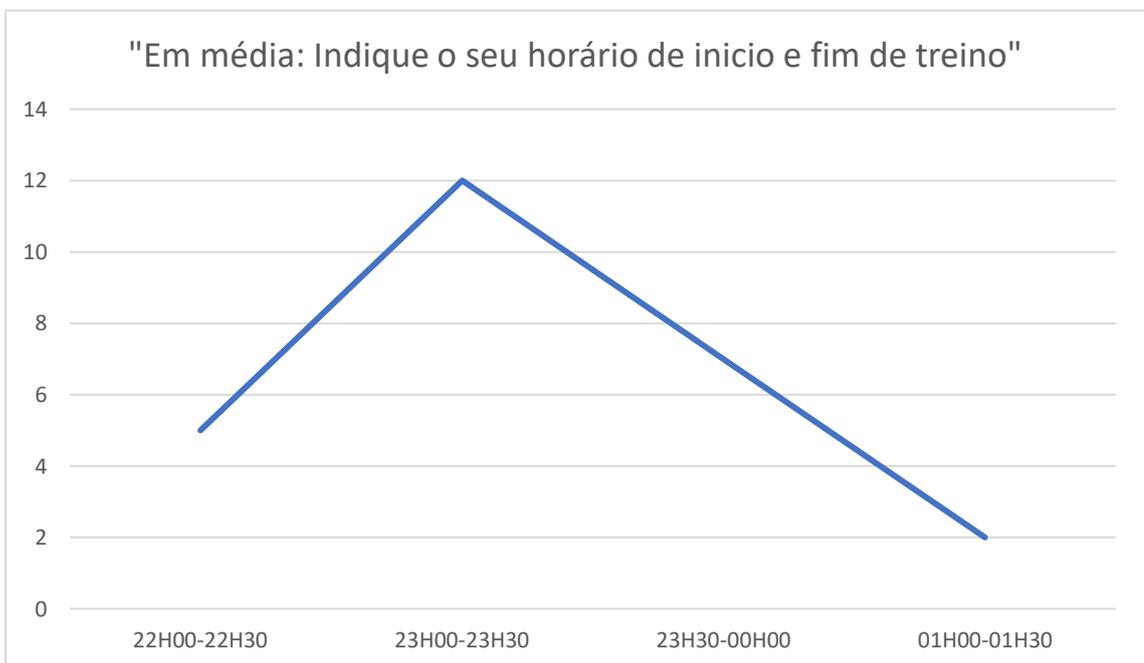
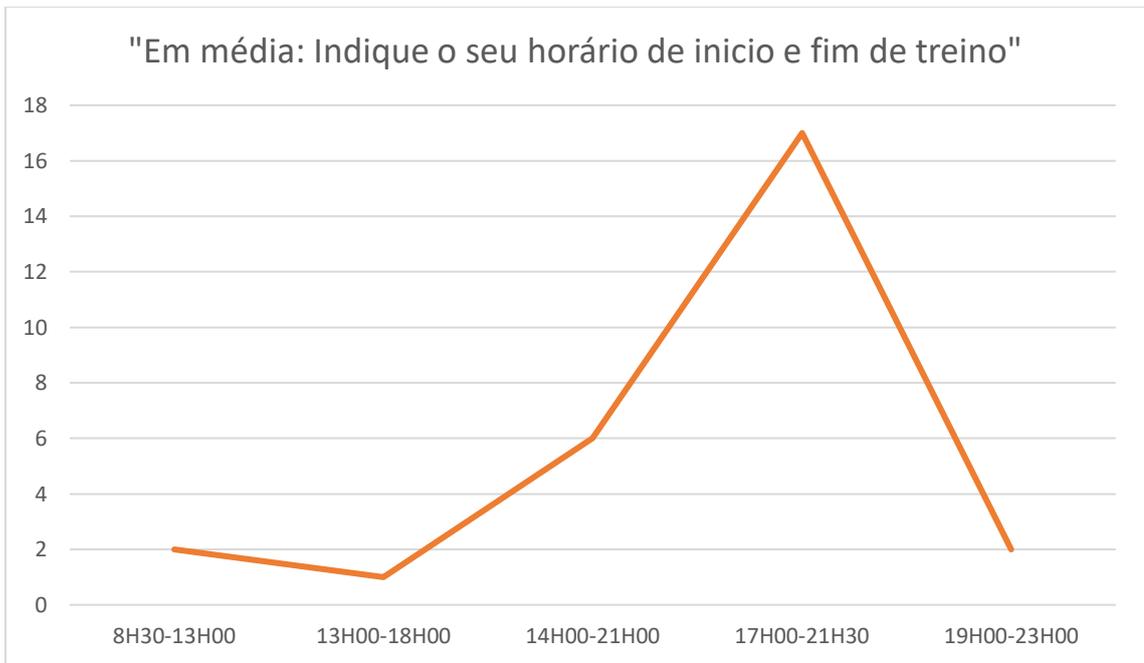


"Que modalidade pratica?"



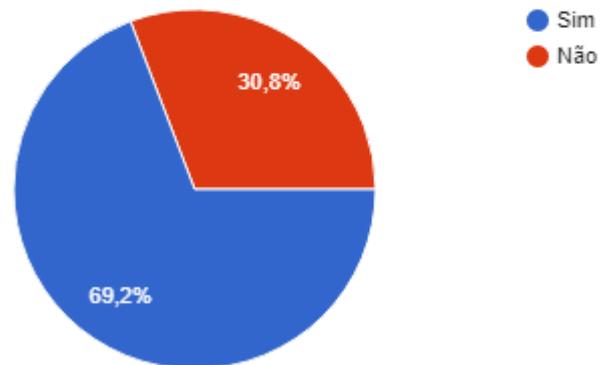






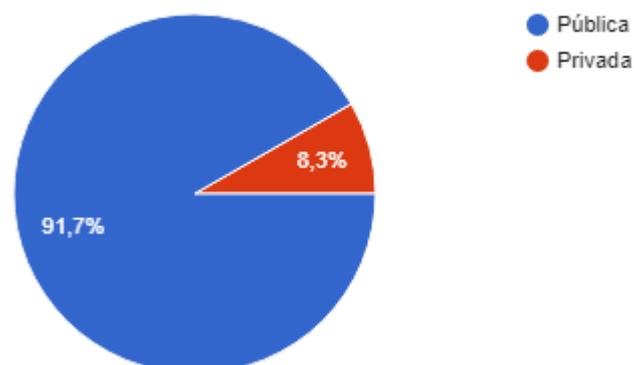
Já interrompeu os estudos por motivos desportivos

26 respostas



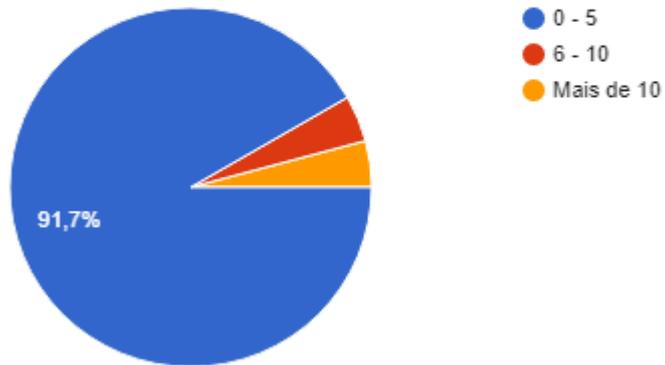
Que tipo de escola frequenta:

24 respostas



Com que frequência lê por lazer por mês?

24 respostas



"Com uma frase curta indique o que significa para si a palavra Treinar" (*generalização das respostas*)

